

PARAPSIKOLOGIA, FENÔMENOS
PSI ESPONTÂNEOS, PROGRAMAÇÃO
NEUROLINGUÍSTICA E SISTÊMICA:

*REVISANDO A HIPÓTESE DO "SISTEMA DE
FATORES INTEGRADOS"*

ANDRÉ PERCIA DE CARVALHO
apercia@terra.com.br

*Psicólogo e Consultor Empresarial
Full Member of the
Parapsychological Association
Master - Practitioner em PNL*

COLABORAÇÃO E CO-AUTORIA:

PATRICIA FRANCA
avalon@centroin.com.br

*Psicóloga - Hipnoterapeuta
Trainer em PNL - Coach*

André Percia de Carvalho gostaria de dedicar essa monografia a memória de Terezinha Éboli, grande incentivadora e inspiradora deste projeto visionário.

André gostaria ainda de agradecer a sua avó Eunice Tourinho de Carvalho por seu apoio e incentivo desde a época em que ele dependia de adultos para frequentar cursos de parapsicologia.

Patrícia Franca gostaria de agradecer ao autor André Percia de Carvalho pelo convite e incentivo em colaborar para o nascimento de mais um trabalho instigante e inovador.

RESUMO:

Neste estudo, serão apresentados seis estudos de caso, dentre os quais quatro, onde acreditamos ter havido bastante evidência de atividade transferencial envolvendo eventuais fenômenos psi espontâneos. Em seguida, traçaremos um esboço sobre as implicações destes supostos fenômenos e a psicodinâmica de cada caso. Ao mesmo tempo, daremos ênfase às possibilidades de mútuo benefício que a Pesquisa Parapsicológica e a Programação Neurolinguística poderiam obter uma com a outra, tanto em nível teórico como prático numa abordagem integrada para conceituar e agir sobre eventos desta natureza. Os autores desenvolvem conceitos paralelos como a estruturação de TOTS (Teste, Operação, Teste e Saída) com a participação da interação psi com influência de crenças, valores e regras limitantes sobre a identidade, propiciando uma dissociação e organização de “partes” que, em congruência com a simbologia cultural e religiosa disponível, poderia criar condições favoráveis para a ocorrência de eventos psi.

SUMMARY:

Six case studies on spontaneous psi phenomena are presented in this report. In four of them, the authors believe that there is evidence suggesting spontaneous psi phenomena and transference. After presenting these cases, the authors will suggest some possible relationships between those phenomena and the subjects' psychodynamics. At the same time, the authors will emphasize the possibility of mutual benefits between those studying parapsychological research and those practicing neurolinguistic programming. These benefits are not only theoretical but are practical as well, and an integrated approach can encompass reports of this nature. The authors have developed concepts that bridge both disciplines, such as the structure of TOTE (Test, Operation, Test, Exit) connected with possible parapsychological phenomena. For example, both are influenced by limiting beliefs, values and rules about a subject's identity. These limitations can evoke dissociation and consequent “partial” instead of “total” self-organization. Congruent with the available meaningful cultural and religious symbols, these conditions could create favorable conditions for the occurrence of psi phenomena.

I - INTRODUÇÃO

Alguns dos mais conhecidos e respeitados pesquisadores no campo da parapsicologia (Edge, Morris, Palmer & Rush, 1986) escreveram: *“Parapsicologia começou há um século com uma coleção e análises de experiências psíquicas espontâneas tal qual relatada por participantes e testemunhas. No entanto, a abordagem experimental para a investigação de fenômenos psíquicos logo foi desenvolvida, tal que a investigação de experiências espontâneas é uma unidade subordinada”*.

De acordo com a Associação Parapsicológica (http://www.parapsych.org/mission_statement.html), “A Associação Parapsicológica (PA) é a organização profissional internacional de cientistas e acadêmicos engajados no estudo de experiências “psi” (ou “psíquicas”) tais como a telepatia, clarividência, visão remota, psicocinesia, cura psíquica e precognição. Tais experiências parecem desafiar concepções contemporâneas da natureza humana e o mundo físico. Elas parecem envolver a transferência de informação e a influência sobre sistemas físicos independentemente de tempo e espaço através de mecanismos que correntemente não podemos explicar”.

Mais adiante no website oficial da referida organização, podemos compreender mais sobre esse vasto campo de estudos: *“Fenômenos psi envolvem complexas interações entre vários fatores subjetivos, interpessoais e ambientais. Assim sendo, parapsicologia é um campo interdisciplinar com especialistas das ciências biológicas, físicas, comportamentais e sociais. Abordagens para a investigação de psi variam intensamente, incluindo experimentação laboratorial, pesquisa de campo, estudos analíticos, questionários e pesquisas históricas. Membros da PA também se engajam na construção de modelos teóricos e no desenvolvimento de novas ferramentas estatísticas e metodológicas”*.

Para Joseph O'Connor, Programação Neurolinguística (PNL) é “O estudo da excelência e o estudo da estrutura da experiência subjetiva” (O'Connor 2001).

A primeira importante conexão que podemos estabelecer entre Parapsicologia e Programação Neurolinguística é a ênfase na *interdependência de sistemas diversos*, pois ambos os estudos esbarram em inúmeros aspectos que envolvem o ser humano e sua relação com os sistemas com os quais interage.

O Mesmerismo e o Espiritismo, práticas interessadas de forma empírica e diletante em explorar os fenômenos psíquicos, ganharam grande interesse e adesão de celebridades mundiais e pareciam prover um contexto para a suposta ocorrência dos mesmos. Mais tarde, os relatos despertaram os interesses de membros da Sociedade Dialética de Londres, cujos membros acreditavam haver explicações não necessariamente sobrenaturais para tais ocorrências.

Em 1882, foi fundada a "*Society for Psychical Research*" (Sociedade para a pesquisa psíquica) em Londres, Inglaterra, cujo objetivo era: "*Fazer uma tentativa organizada e sistemática de se investigar o grande grupo de fenômenos designados por termos como mesméricos, psíquicos ou espiritualistas*"(McClenon,1984). A SPR conseguiu reunir um grande número de cientistas proeminentes da época, muitos dos quais membros da Royal Society, dois primeiros ministros, ganhadores do Prêmio Nobel e pensadores de destaque. Em 1887, é fundada em Boston a "*American Society for Psychical Research*" (ASPR). Ambas existem e são bastante ativas até os dias de hoje.

Surgiram então neste cenário, pesquisadores dispostos a tentar "medir" estas supostas capacidades ou habilidades mentais, como John Edgard Cover, que em 1917 apresentou pesquisas com resultados estatisticamente positivos.

No ano de 1920, o renomado psicólogo americano Willian McDougal iniciou um programa sobre o assunto na Universidade de Havard, mesma época em que foi eleito presidente da SPR. Após um período de pesquisas em Easterbrook, aceitou assumir o departamento de psicologia da Universidade de Duke, em Durham, Carolina do Norte. Em seguida, convidou Joseph Banks Rhine (em 1932), bacharel em biologia e mais tarde em psicologia para assumir as pesquisas nesta área específica.

Alguns consideram Rhine o "pai" da parapsicologia, pois sua postura foi revolucionária. Ele não acreditava que o material disponível nos "jornais" da SPR e da ASPR consistia em evidências definitivas para a existência destas habilidades mentais. Precisamos salientar que Rhine viveu no apogeu da psicologia behaviorista e materialista, obcecada por "medir" e quantificar os fenômenos psicológicos, rechaçando quaisquer variáveis subjetivas que não pudessem ser inferidas através de observações e experimentos. A influência behaviorista fica evidente inclusive nos métodos de pesquisa utilizados por ele. Junto com seu colaborador Carl Zener, desenvolveu um método de testagem de supostos fenômenos como a "telepatia", a "clarividência" e a "premonição" através de um baralho especial : Figuras pretas com um fundo branco: Estrelas, ondas, quadrados, cruces e círculos. Ou você errava ou acertava, não cabiam considerações como "eu acho" ou "talvez". O baralho consistia de vinte e cinco cartas (cinco de cada figura). Métodos aleatórios seguros eram utilizados e avaliações estatísticas eram empregadas para avaliar o nível de significância de resultados "positivos" e "negativos" após longos testes (Detalhes em Edge, Morris, Palmer e Rush, 1986).

J.B. Rhine era bastante rigoroso no que dizia respeito ao "*design*" de seus experimentos. Era tão aberto a críticas, que freqüentemente convidava sépticos para acompanharem o desenvolvimento das pesquisas e para escreverem no então criado "*Journal of Parapsychology*"(Periódico de Parapsicologia). Seus métodos de avaliação estatística foram classificados como "válidos" e "corretos"

por Burtin Camp, presidente do instituto de matemática e estatística, silenciando muitos críticos que o estavam questionando. Rhine não procurava encaixar ou adaptar suas pesquisas a nenhum movimento religioso ou filosofia. Apenas dispunha de sujeitos normais da cidade, alunos de Duke e pessoas comuns que eram testadas e, no laboratório, mostraram-se capazes de produzir estes ou aqueles resultados.

Os resultados dos seis primeiros anos de pesquisas foram publicados em 1934 na famosa monografia "*Extrasensory Perception*" (Percepção extra - sensorial). Em seguida, foram iniciadas as pesquisas no sentido de se tentar demonstrar a suposta capacidade da mente humana influenciando a matéria, chamada por Rhine de Psicocinesia (*Psichokinesis*).

O trabalho desenvolvido por Rhine e seus colaboradores fez com que muitos profissionais das ciências em geral assumissem uma atitude mais flexível em relação à parapsicologia, assim como o público, como mostraram as pesquisas. *Psi passou a ser compreendida como supostas interações entre organismos e seu meio ambiente (ou entre um organismo e outro) que parecem violar as noções científicas de tempo, espaço e energia.*

As pesquisas realizadas fizeram com que os investigadores classificassem duas vertentes de psi:

1 - A **PERCEPÇÃO EXTRA - SENSORIAL (ESP)**: Fenômenos "mentais" como a premonição, a clarividência e a telepatia.

2 - A **PSICOCINESIA (PK)**: Suposta ação da mente sobre a matéria, seja em nível micro (mensurável pela estatística) quanto em nível macro (mais raro), sendo visível a olho nu, como movimento de objetos, *poltergeists* etc.

Experimentos parapsicológicos são realizados em ambientes sempre que possível à prova de fraudes, com rigoroso controle de variáveis. Após um considerável número de experimentos, pesquisadores analisam todo o conjunto de resultados (bem sucedidos ou não) para determinar se os "sucessos" superam ou não os limites do acaso. Quanto mais os resultados superam o limite do acaso, mais indicam a possibilidade da existência de psi, como acontece em qualquer campo científico, com estudos estatísticos avançadíssimos chamados de meta análise.

PSI E OS PROCESSOS MENTAIS

São as supostas habilidades parapsicológicas eventos esporádicos e totalmente independentes de nossa "vida psicológica"? Ou quem sabe são aspectos pouco explorados do nosso próprio psiquismo cujas funções e potenciais aplicabilidades ainda precisamos compreender?

Sigmund Freud foi pioneiro ao debater estas questões, e escreveu vários trabalhos devotados a analisar as relações entre telepatia, psicanálise e sonhos. Manteve-se membro das Sociedades de Pesquisas Psíquicas tanto a Britânica quanto Americana, além de manter correspondência constante com pessoas engajadas no assunto. Desta correspondência, surgiu a famosa e controvertida carta de Freud a Hereward Carrington onde num dado momento afirmou: "*Se eu tivesse outra vida para viver, dedicaria ele iria se dedicar à pesquisa psíquica ao invés da psicanálise*".

Para Freud, o aparelho psíquico se dividia entre o Consciente, o Pré-consciente e o Inconsciente (Atenção, memória evocativa e processos organizacionais autônomos). A noção de "Inconsciente" foi aproveitada de diversas maneiras por muitas escolas voltadas para o estudo da mente, inclusive a Programação Neurolinguística (PNL).

Para Carl Gustav Jung, primeiro colaborador depois dissidente de Freud, além do Inconsciente Freudiano, haveria um Inconsciente coletivo. Jung também elaborou uma interessante teoria sobre fenômenos psi onde chamou-nos a atenção para coincidências 'acausais' significativas ou fenômenos de sincronicidade e reconheceu o trabalho de Rhine como tendo postulado e estabilizado sua evidência. Essa correspondência entre o "interno" e o "externo" também reforça a dinâmica sistêmica estudada pela PNL.

Tomando os sonhos como exemplos da possível ocorrência de psi nos processos mentais, a pesquisa parapsicológica tem achado evidências de que supostas informações extra-sensoriais podem alcançar primeiro o Inconsciente e depois se misturar, por exemplo, no processo de formação dos sonhos. Na PNL, essa trajetória poderia ser facilmente explicada pelos mecanismos de "omissão", "distorção" e "generalização" além de representações psíquicas relacionadas às submodalidades de cada pessoa. Na coleção da Sra. Rhine, por exemplo, composta por 7119 casos, 65% os aparentes fenômenos extra - sensoriais ocorreram em sonhos.

Em um capítulo do famoso "*Handbook of Parapsychology*" especialmente dedicado a este assunto, Robert L. Van de Castle (1977) analisa diversas pesquisas que envolvem prováveis relatos de fenômenos parapsicológicos espontâneos e observou que:

- *Experiências psi são relatadas em sonhos entre 33% e 68% dos casos.*
- *Se considerarmos apenas os casos de aparentes experiências telepáticas, cerca de 25% ocorrem em sonhos. Com a precognição, o índice sobe para 60%.*

-Mulheres parecem ser percipientes (a pessoa que recebe a comunicação telepática) na proporção de 2 para 1 em relação aos homens, que são agentes em 60% dos casos.

- Parentes sangüíneos estão envolvidos em 50% dos casos, com o tema "morte" presente em 50% das situações seguidas por acidentes e danos físicos.

Considerando observações postuladas pela PNL, podemos facilmente perceber que os "alvos" mais freqüentes (esposas, maridos, filhos, amigos etc.) têm significativa importância para a identidade e hierarquia de valores dos sujeitos envolvidos.

Pesquisadores como Louisa Rhine, Montague Ulman e Robert Van de Castle chamam-nos a atenção para o seguinte fato: informações extra-sensoriais apresentam-se nos sonhos por muitas vezes distorcidas, bloqueadas e fragmentadas, devido a fortes motivações pessoais, conteúdos inconscientes, bloqueios e ênfase com relação a assuntos específicos de interesse para quem as experimenta, o que a PNL identificou como processos de Omissão, Distorção e Deleção nas transições entre a Estrutura Superficial e a Estrutura Profunda.

Para a PNL, a Estrutura Profunda abrange as experiências sensoriais, emocionais, imagens mentais ou qualquer representação de ordem sensorial que guardamos gravadas no nosso sistema nervoso. A Estrutura Superficial é como descrevemos o conteúdo da Estrutura Profunda, as palavras, símbolos, ou qualquer forma de representação.

LOUISA E. RHINE E O ESTUDO DOS FENÔMENOS PSI ESPONTÂNEOS

A parapsicologia dispõe de duas formas distintas de pesquisa: O experimentalismo e a pesquisa de fenômenos espontâneos.

Em 1948, Louisa E. Rhine se juntou ao então famoso laboratório de parapsicologia da Universidade de Duke para ficar à frente do estudo de relatos de fenômenos paranormais os quais eram enviados aos milhares. Inicialmente a idéia era apenas separá-los por categorias e arquivá-los, mas nesse processo, descobriu um grande número de fatores se repetindo nas várias categorias, numa intensidade tal, que os pesquisadores a apoiaram integralmente sobre a necessidade de se desenvolver um estudo mais profundo e rigoroso.

Louisa Rhine era rigorosa em seu método de selecionar relatos para a famosa coleção de 7110 casos. Para ela, as variáveis constantes tendem a permanecer e a se repetir, ao passo que as fraudes e má interpretação tendem a fugir dos padrões identificados.

Seu trabalho resultou na elaboração de um interessante modelo para explicar os supostos fenômenos *psi* espontâneos e suas relações com nossos processos mentais ordinários: *A informação psi é captada, primeiro, em nível inconsciente (estágio I). Até este momento ela está no indivíduo, mas este não sabe disso (Na PNL, Incompetência Inconsciente), pois não há ainda a consciência de sua existência, que seria justamente o "estágio II" (Competência Inconsciente e Competência Consciente). Ela identificou cinco "caminhos" que poderiam nos tornar conscientes da informação previamente apreendida:*

1 - Experiências Realísticas

São sonhos através dos quais a informação apreendida via *psi* se apresenta exatamente como ocorreu. Exemplo:

"... no meu sonho, tinha acabado de acordar e tomava café com minha família. De repente o interfone do meu prédio tocou. Era Lúcia, uma antiga e muito querida secretária que tínhamos, alguém quem não víamos há mais de três anos. Acordei impressionado, e, como de costume, tomei café com minha família e aproveitei para contar-lhes o sonho. Quase ao terminarmos, o interfone tocou. Para o espanto de todos era Lúcia que veio nos fazer uma visita surpresa após dois anos sem nenhum tipo de comunicação com nossa família."

Na visão da PNL, há pouca *distorção, omissão e generalização do conteúdo central, podendo ter ocorrido previamente por conta da predisposição para a escolha e "abertura" para a experiência*, por ser representativa de um processo significativo para a identidade, valores e crenças do sujeito.

2 - Experiências "Irrealísticas"

São sonhos onde podemos identificar de forma bem clara o elemento captado extra - sensorialmente, o qual em sua apresentação, vem cercado ou acrescido de outros elementos que fazem parte da estrutura psicológica do sonhador. Exemplo:

"... estava viajando no Nordeste do Brasil, isolada, sem telefonar para minha família... aquele sonho me marcou, sabe, não foi nada agradável ver um de meus filhos, o mais novo, morrer e ser enterrado. Fiquei chocada. No dia seguinte andei quilômetros determinada a achar um posto telefônico. Ao ligar para casa, soube que meu mais novo netinho, do meu filho do meio, havia contraído meningite, e falecera naquela madrugada..."

Houve acerto no que tange ao tema "morte na família", mas as *circunstâncias foram modificadas. Houve distorção, omissão e generalização em grau mais acentuado sobre o conteúdo*, além do processo ocorrido que teria provocado a

predisposição e “abertura” para a experiência por ser representativa de um processo significativo para a identidade, valores e crenças do sujeito. *Podemos investigar a dinâmica das crenças, valores e regras individuais, cadeias de significados e repercussão nos Níveis Neurológicos da PNL num estudo de caso, como procuramos fazer mais adiante, o que ajudaria a trazer mais insights para pesquisas orientadas para o processo. Esse tipo de análise é uma das grandes e potenciais contribuições que a PNL pode fazer para a pesquisa parapsicológica.*

Exemplo 2:

"Sonhei com um dos porteiros do meu prédio. Ele sorria para mim, e seus dentes iam caindo, um por um. No dia seguinte ele não foi trabalhar, e soubemos que morreu atropelado por um caminhão desgovernado que pegou-o na calçada."

Exemplo 3:

L. teve um sonho com seu sogro... O mesmo chegava a sua casa para uma visita feliz e bastante sorridente. Em dado momento, via num dos sorrisos todos os seus dentes, porém lhe chamava a atenção que seus dentes do lado esquerdo superior estavam amarelados e os três primeiros dentes do lado direito estavam com uma cor puxando para o vermelho como se fosse sangue e seus lábios ressecados. Ao acordar, comentou com sua esposa, que em sua avaliação, não seria “coisa boa”. Dias depois, inesperadamente, seu sogro ficou dezoito dias hospitalizado por conta de ter sofrido um AVC (acidente vascular cerebral), tomou bastante oxigênio e veio a falecer. Quando chegou para vê-lo, haviam retirado de sua boca o aparelho do oxigênio que, de certa forma traumatizara sua boca e seus lábios, que por vezes, fazia com que ele ficasse com a língua para fora, deixando sua boca exatamente como vira no sonho. O que o impressionou foi o fato de que a imagem vista ali com seus olhos, estava exatamente como vira no sonho. Os lábios ressecados e os três primeiros dentes do lado direito da parte superior meio avermelhados, com se fosse sangue. Fato ocorrido no Hospital Santa Tereza, em Petrópolis, em junho de 2004.

3 - Experiências Intuitivas

São experiências em estado de consciência desperta onde há pouquíssima ou mesmo nenhuma informação sobre o evento, mas sim a presença de um forte pressentimento e/ou angústia, tendendo a deixar o sujeito de sobre - aviso.

Exemplo 1:

“... aquele deveria ser o meu nono ou décimo cruzeiro marítimo. Naquele barco, o "Bateaux Mouche" era a quarta vez, sendo o segundo reveillon no mar assistindo aos fogos de Copacabana. Adorava e continuo adorando barcos... Mas naquela manhã, de 31 de Dezembro, sentia um forte pressentimento, uma sensação muito esquisita... meus amigos perguntaram se tinha sonhado algo, mas não, era só uma angústia forte que vinha toda a vez que pensava no cruzeiro à noite. Eu queria muito ir, mas aquela coisa me freava de algum jeito.

Na hora do embarque, entrei no barco sentindo-me péssima, pois meus amigos e marido estavam felizes. Na última chamada, algo mais forte que a minha vontade arrastou a mim e eu - a meu marido - para fora do barco. Ele brigava comigo e dizia que depois do feriado iria me levar num psiquiatra. Eu mesma achei que precisava de um por conta daquela reação tão estranha... De madrugada nossos filhos ligaram aos prantos, pois todos os jornais e televisões noticiavam o naufrágio do "Bateaux - Mouche" e eles pensaram que nós havíamos embarcado. “Todos os nossos amigos morreram...”.

Nesta modalidade, do ponto de vista da PNL, observamos forte uso do sistemas sinestésico num “estado associado”.

4 - Experiências alucinatórias

Nesta modalidade, o indivíduo vê, ouve ou sente algo que não está lá para ser percebido que corresponderia à percepção consciente de um elemento extra - sensorial captado inconscientemente. Aqui não nos referimos a alucinação com sentido tradicional de “distúrbio psicológico”, mas sim como uma “falsa impressão sensorial”. Para a PNL, uma experiência auditiva, visual ou sinestésica vivida de forma associada com consciência relativa sobre seu conteúdo (dependendo do processo de Distorção, Generalização ou Omissão poderiam vir mais ou menos claras e mais ou menos metaforizadas).

Exemplo relatado pela irmã do sujeito:

“... meu irmão tinha somente cinco anos e jamais esqueceremos o que aconteceu. Ele entrou em nossa casa puxando mamãe pela saia e dizendo que um velho chamado Cassiano, de chapéu e barba comprida, pediu para ele dizer pro pai dele que ele ia fazer uma longa viagem e que tinha vindo se despedir. Mamãe achou tudo muito engraçado, pois a descrição e tudo mais a fazia lembrar de seu sogro na Bahia, que ela não via há oito anos, sendo que meu irmão jamais o havia visto. Na manhã seguinte recebemos um telegrama avisando sobre o falecimento do vovô naquela madrugada...”

Exemplo 2:

"(...) Foi muito estranho mesmo. Minha casa fica no alto de uma longa ladeira que desemboca numa movimentada alameda de mão dupla. Eu estava na varanda, quando lá longe, do outro lado das duas pistas, vi um homem sem camisa me acenando freneticamente. Era o meu filho casado, que sorria e me dava adeus. Fiz sinal para que ele viesse até a nossa casa, mas quando olhei novamente, não o vi mais.

Uma angústia tomou conta de mim, peguei o telefone e liguei para a casa dele. Foi quando soube que ele havia tido um infartofulminante há mais ou menos quarenta minutos e tinha acabado de falecer. Mas como? Eu o havia visto há menos de dez minutos. Tenho certeza de que era ele. Quando ele passava do outro lado da rua, indo e voltando de casa, sempre acenava da mesma forma...".

A Sra Rhine dá muitos exemplos de "aparições", e "vozes" não só de "mortos", mas de pessoas que no momento estavam "morrendo" ou de vivos em perigo que não morreram!

Em meus arquivos tenho registro de "cheiros" peculiares como cheiro da pessoa, cheiro de "rosas" (associados com a morte na cultura local). Na PNL, essas vivências podem ser compreendidas através do uso de submodalidades (sinestésicas, olfativas e gustativas), acessando a simbologia pessoal e/ou cultural disponível, quem sabe para dar expressividade ao elemento captado via psi. Mais um exemplo de Distorção, generalização e Omissão.

5 - Experiências de Psicocinesia espontânea (PK)

Como vimos anteriormente, psicocinesia é a aparente ação da mente sobre a matéria. Sra. Rhine registrou muitos casos de *eventos físicos coincidindo com eventos de acidentes e mortes, geralmente fazendo os sujeitos pararem e refletirem sobre a possibilidade de "algo anormal" estar acontecendo.*

De acordo ainda com seu modelo, haveria uma possibilidade da mente dos sujeitos lançarem mão, inconscientemente de PK como uma forma de chamar-lhes a atenção para um evento de extrema importância que teria repercussão sobre suas vidas e identidades. Sob a ótica da PNL, poderíamos pensar nessa estratégia como uma forma de dissociar do corpo algo já presente na estrutura psicológica, talvez uma forma de meta posição observando "a comunicação inconsciente ou psi" de fora. Podemos inclusive pensar na possibilidade do uso do meta modelo "referência externa", onde o sujeito, ao perceber o fenômeno manifestado fora dele, tem sua atenção despertada para algo de extrema importância.

Exemplo:

"Eu e Carlos éramos muito próximos. Eu, apaixonado, não era correspondido, e tentava me conformar com sua amizade e com a proximidade cada vez mais forte com sua família, uma vez que minha família morava bem longe... Naquela noite estava na casa de uma amiga fazendo algumas gravações musicais, quando me dei conta que meu relógio Rolex, novo, caro, que não tinha nenhum tipo de problema, simplesmente parou de funcionar às 19:30. Já eram mais de 21 horas. Quando voltei para casa encontrei um recado na minha secretária eletrônica de Carlos, nervoso, dizendo que seu pai havia se suicidado às 19:30 daquela noite."

Vale especular neste caso que, para o sujeito, o vínculo com Carlos era de extrema importância para sua vida e para sua identidade. Pelos caminhos "normais" ele sentia-se limitado. Há sugestão de que, via psi, o sujeito achou uma forma de "monitorar" essa relação que lhe era de extrema importância.

II – PROBLEMA E MÉTODO

Clientes de psicoterapia são uma população única para a exploração da possível relação entre a transferência, aspectos psicodinâmicos e psi, pois sua relação com seus terapeutas é única em suas vidas. Neste estudo, vou descrever seis casos, dentre os quais quatro, onde acredito que houve bastante evidência de atividade transferencial envolvendo eventuais fenômenos psi espontâneos. Tentarei em seguida traçar um esboço sobre as implicações destes supostos fenômenos e a psicodinâmica de cada caso. Ao mesmo tempo, darei ênfase nas possibilidades de mútuo benefício que a Pesquisa Parapsicológica e a Programação Neurolinguística poderiam obter uma com a outra, tanto em nível teórico como prático numa abordagem integrada para conceituar e agir sobre eventos desta natureza.

III - ESTUDOS DE CASO CONDUZIDO POR ANDRÉ PERCIA DE CARVALHO

Sempre tive bem claro em minha mente qual era meu papel enquanto psicoterapeuta: Ouvir tudo o que meus pacientes traziam para as sessões, perceber padrões e dinâmicas psicológicas, dar retornos progressivos sobre o que estava percebendo, e, na medida do possível, dentro da realidade, visão e expectativas, trabalhar com os mesmos soluções a curto, médio e longo prazo para seus problemas.

De vez em quando ouvia relatos onde clientes vivenciavam possíveis eventos parapsicológicos (psi), mas, devido a minha relação terapêutica para com os mesmos, lidava com estes relatos assim como lidava com qualquer outros, sem

ênfatisar qualquer possibilidade de serem "autênticos", pois não era minha função investigá-los naquela situação. No entanto, alguns casos foram bem marcantes para o desenvolvimento de um estudo de caso, pois tive a oportunidade de ser uma espécie de "testemunha" da suposta autenticidade dos mesmos. Pedi então autorização dos pacientes para tal, me comprometendo a modificar nomes e outros fatores que pudessem identificá-los, mantendo, contudo os fatos e dinâmicas psicológicas intactas.

Nos meus consultórios, observei possíveis eventos psi relacionados com as dinâmicas psicológicas dos indivíduos que os relatavam, especialmente em casos específicos que envolviam aquilo o que psicólogos chamam de "transferência".

Vamos começar explicando conceitos de terapia e de transferência. O termo "transferência" é usualmente associado a psicanalistas Freudianos (e.g. Nemiah, 1975, p.177), mas também foi usado por Jung (e.g. 1966) assim como por membros de outras "escolas" de terapia (e.g. Jourard, 1964, cap. 8). Na transferência, clientes "transferem" ou "projetam" necessidades "eróticas", "agressivas", "regressivas" e muitas outras demandas não resolvidas em relações interpessoais anteriores (padrões esses quem sabe formados na infância) sobre o terapeuta (Nemiah, 1975, p.177). Tais projeções são tidas como disfuncionais em sua natureza, pois são padrões de comportamento, sentimento e pensamento que se interpõe entre o cliente e as pessoas com as quais se relaciona, distorcendo sua percepção ou o que é comunicado a ele (a). Por exemplo: Se a pessoa acredita ser freqüentemente alvo de perseguição, tudo o que percebe pode ser distorcido ou interpretado como um ato de perseguição contra ela (Na PNL: Distorção, Generalização e Omissão). Quando o terapeuta começa seu trabalho, dando a pessoa feedback sobre suas limitações, pode achar-se perseguida pelo mesmo, como outros que a cercam.

A transferência traz significado aos encontros e relações que o cliente mantém. No entanto, a disfuncionalidade observada na repetição e desenvolvimento do padrão impede seriamente a maturidade, que viria justamente do encontro do paciente com a sua história: suas limitações, seus medos entre outros aspectos, encontro este a princípio evitado. Exemplo: No caso da perseguição, todos o perseguem, inclusive o terapeuta, com sua percepção sobre ele. O que ele não percebe inicialmente é sua própria dose de responsabilidade em suas relações interpessoais. Inconscientemente, poderia até mesmo estar incitando pessoas a perseguirem-no para perpetuar um significado sobre sua identidade (Na PNL, mantendo o mapa).

O autor não assume uma posição mais radical como fazem os psicanalistas na qual a transferência é inevitável para o sucesso de uma psicoterapia. No entanto quando ela surge e é trabalhada pelo profissional, pode provocar importantíssimos *insights* sobre a estrutura da personalidade do cliente. Para a Programação Neurolinguística, tudo é feedback. Independente da abordagem, é

fundamental que a transferência seja sinalizada para que o cliente observe suas próprias tendências, pois nem sempre sabe ou percebe seus padrões de comportamento, sentimento e comportamento de forma plena. Com um trabalho terapêutico, o cliente poderá ter a oportunidade de decidir de forma cada vez mais madura o melhor a ser feito naquela e em outras situações semelhantes. O que pode gerar generalizações saudáveis e aprendizagem generativa, como sugere a PNL.

Caso 1: CRISTINA

Grande parte de meu interesse por parapsicologia vem de minha interação com essa mulher. O grande elemento ao meu favor foi o fato de conhecê-la pessoalmente. Com isso, tive a oportunidade de estar presente em muitas situações onde, supostamente, ela vivenciou experiências que poderiam ser psi espontâneas.

Em Agosto de 2004, data de finalização do estudo de caso, Cristina era uma mulher de 54 anos de idade, detentora de uma forte personalidade que, dificilmente deixa-a passar despercebida. Meu vínculo com Cristina vem desde minha juventude, por se tratar de uma pessoa relacionada com minha família.

Desde que a conheci e, por conseguinte, comecei a me dar conta de sua suposta sensibilidade psi, senti muita vontade de fazer um detalhado estudo sobre a mesma. No entanto, devido ao meu vínculo anterior, e visando manter o máximo de neutralidade que fosse possível, convidei na época a psicóloga Cláudia Escórcio Gurgel do Amaral para conduzir a entrevista psicológica, anamnese e elaboração de um “diagnóstico” psicológico preliminar. O resultado de nosso trabalho culminou em um artigo publicado no *“Journal of the Society for Psychical Research”* intitulado *“Mediumship, Psychodynamics and ESP: The Case of Cristina”*, publicado na edição de Julho de 1994. No entanto, antes da publicação, tivemos a honra de apresentá-lo numa Conferência internacional sobre Parapsicologia e Pesquisa Psíquica organizada pela mesma SPR em Setembro de 1993 na cidade de Glasgow, Escócia. .

História anterior: Influências culturais e familiares

Na época das entrevistas psicológicas, Cristina tinha 43 anos. Apesar de vir de uma família Católica, ela, sua mãe e sua avó manifestaram o que ela pensa ter sido uma “mediunidade espontânea” onde espíritos desencarnados se comunicavam através delas e faziam-nas experimentarem fenômenos tidos como passíveis de transcenderem a realidade.

A avó de Cristina era praticamente uma “beata” da igreja católica, daquelas que vão à missa todos os domingos e dias santos. Participava de círculos de orações em sua comunidade e rezava por mais de uma hora todas as manhãs. A mãe de Cristina me falou sobre sua mãe (a avó de Cristina). Tratava-se de

uma pessoa fervorosamente contra o Espiritismo ou quaisquer práticas religiosas divergentes da doutrina católica. No entanto, quando tinha cerca de quarenta anos, começou a apresentar desmaios inexplicáveis seguidos de catalepsia (rigidez corporal semelhante à cadavérica). Curiosamente, tanto Cristina quanto sua mãe, manifestariam supostos eventos psi nesta faixa etária, época em que haviam praticamente criado seus filhos e conseqüentemente estavam em transição sobre questões existenciais fundamentais.

No terceiro ou quarto episódio, a avó de Cristina apresentou sinais de transe e começou a falar com voz e posturas masculinas, dizendo ser o espírito de um índio curandeiro portador de uma missão: ajudar as pessoas. Sua única exigência era; a médium JAMAIS deveria saber sobre sua existência.

O “índio” receitava ervas, pomadas, unguentos e receitas medicinais naturais. Aos poucos, a notícia se espalhou da família para os vizinhos e conhecidos. Todos compareciam pontualmente para a consulta gratuita no dia e horário em que o dito espírito anunciava que retornaria. Assim a coisa foi acontecendo. Vale dizer que a avó de Cristina sequer terminou o segundo grau, e jamais estudou ou leu qualquer coisa relacionada com esse assunto, naquela época, bastante embrionário e pouco difundido.

Um dia alguém resolveu contar a mulher sobre o Índio. E desde este dia, “ele” não se manifestou mais. Alguns psicólogos até diriam que este “índio” poderia ser uma expressão de uma possível “parte” masculina, mais ativa (yang) que estava sendo reprimida. No entanto, essa explicação não se aplica completamente ao caso, pois, em sua vida já era uma mulher forte, decidida, uma das poucas que trabalhava em sua época, e tinha um cargo público de confiança, e com isso ganhava o suficiente para sustentar com relativo conforto toda a sua família. Por outro lado, o papel social da mulher na primeira metade do século XX era bastante restrito e os códigos morais eram bastante rígidos, o que significa que a integração de um traço ativo e independente não era socialmente incentivada. Sendo assim, ela poderia estar extravasando seu potencial criativo e curativo, transcendendo as limitações de sua cultura religiosa e o suposto papel da mulher na família e sociedade de seu tempo. Talvez o imaginário da cultura espírita, disponível na cultura de seu tempo, embora não fosse conscientemente sua escolha, tenha funcionado como um canal e conjunto de estratégias mais coerentes com a emersão de outras potencialidades interiores.

Já considerando a abordagem da PNL, os valores com regras específicas, pelos quais a identidade social da senhora se pautava, não aceitavam o espiritismo, o que *pode ter propiciado uma dissociação, criando uma “parte” dissociada de sua identidade para gerenciar, significar, extravasar e dar coerência para crenças, valores, informações, conhecimentos e outros aspectos os quais não eram vistos como sendo possíveis de serem integrados em seu “mapa”, ou seja, eram incongruentes. Trata-se de um conflito interno, que deixou de existir quando se*

tornou consciente. Não havia questionamento consciente sobre quais regras deveriam ser seguidas. E a tentativa de integração, feita de forma não profissional (como bem poderiam fazer terapeutas tradicionais e de PNL) não ocorreu, pois a “parte” dominante dava sentido à sua vida e estava comprometida com valores e regras bastante rígidos os quais não permitiam a inclusão dessas “novas” capacidades, comportamento e possibilidades de agir com tudo isso em seu ambiente (Níveis Neurológicos). E aqui, começamos a observar um elemento de extrema importância no modelo que estruturei: o “berço cultural” onde os sujeitos estariam inseridos.

A mãe de Cristina também fora criada dentro do Catolicismo, mas teve um pouco mais de flexibilidade em relação ao Espiritismo, até pelo que já havia observado com sua mãe. Espontaneamente, sem nunca ter pertencido a nenhum centro espírita ou ter sido incitada a desenvolver sua “mediunidade”, na idade madura experimentou transe espontâneos e passou a incorporar espíritos que se relacionam com a crença da Umbanda: Uma preta velha, uma criança, um sábio oriental, relatando-me vários episódios onde, através de sonhos, intuições e pressentimentos, pareceu ter tido acesso a possíveis fenômenos que só ocorreram no futuro, o que caracterizaria uma possível premonição, acesso à mente de pessoas aflitas ou desesperadas que estavam incomunicáveis à distância, o que poderiam ter sido casos de telepatia. Não vou citá-los porque não estava diretamente envolvido, como ocorreu com Cristina, onde pude avaliar muitos fatos pessoalmente.

Desde pequena, Cristina afirma ter experimentado vários possíveis fenômenos que poderiam ter envolvido psi os quais parecem ter consistência com os que observei e mais adiante passo a descrever. Aos 38 anos, ao ser apresentada a pessoas diretamente envolvidas com o Candomblé, Umbanda e Espiritismo Kardecista, ela “descobriu espíritos” que estariam à sua volta, supostamente tentando se comunicar com ela. Após ter esses espíritos “identificados” por médiuns, eles passaram a se manifestar via transe e incorporações mediúnicas.

Em PNL, o terapeuta ajuda o cliente a identificar, dar nomes, caracterizar e vivenciar suas partes antes da integração. Independente de qualquer evento psi estar envolvido em casos semelhantes, *terapeutas de PNL poderiam usar essas partes identificadas e nominalizadas pela cultura religiosa e trabalhar com elas tal qual se apresentam para em seguida integrá-las com a parte dominante.*

Tal procedimento poderia ser feito inclusive com o cuidado de não ferir crenças religiosas, quando for o caso. “Falar com cada parte” e buscar uma melhor integração, assim como uma cooperação mais funcional entre elas e a identidade principal pode ajudar numa maior harmonia e alinhamento não só de crenças, valores e regras como dos Níveis Neurológicos, sem necessariamente sugerir que “espíritos não existem”. A habilidade do terapeuta pode contribuir significativamente para que esse processo ocorra com bastante respeito e tranquilidade.

Nesta mesma época, Cristina procurava se recuperar da morte recente de seu pai, que funcionava como um sustentáculo emocional. Um pouco antes da morte do pai de Cristina, recebi um telefonema de seu filho dizendo que ela havia acordado aos prantos, dizendo que “alguém” a havia pegado “pela mão” em um sonho (com componentes visuais e sinestésicos) e lhe havia dito que tinha que mostrar lhe algo no futuro para o qual ela deveria estar preparada: A morte de seu pai.

Essa “antecipação”, de alguma forma, fez com que ela se “preparasse” para o futuro traumático o qual abalaria profundamente sua estrutura psicológica, dada a relação simbiótica (de dependência emocional) que mantinha inconscientemente com seu pai. É importante dizer que seu pai faleceu de uma súbita e inesperada complicação estomacal, sendo que ele não tinha histórico de complicações desta natureza, o que reforça a possibilidade de uma autêntica precognição.

Apesar do amor verdadeiro que ambos sentiam um pelo outro, Cristina mantinha uma relação psicológica de dependência afetiva e emocional para com ele inadequada para sua idade. Esse padrão parece ter contribuído para o *desenvolvimento do que penso terem sido crenças limitantes e restritivas sobre sua identidade*. Ele sempre a superprotegia, estivesse ela certa ou errada, desde a infância até em sua relação de casamento. Tal proteção especial fazia com que ela se sentisse poderosa e com uma percepção distorcida em relação aos seus limites de uma maneira geral. Ele morreu mantendo este tipo de relação com ela que, por sua vez, se “alimentava” psicologicamente desta proteção para dar base e sentido a muitas de suas ações, procurando desenvolver vínculos semelhantes com seus filhos (modelo). *Para a PNL, isso seria uma estratégia aprendida congruente com crenças, valores e regras limitantes sobre sua identidade e suas possibilidades.*

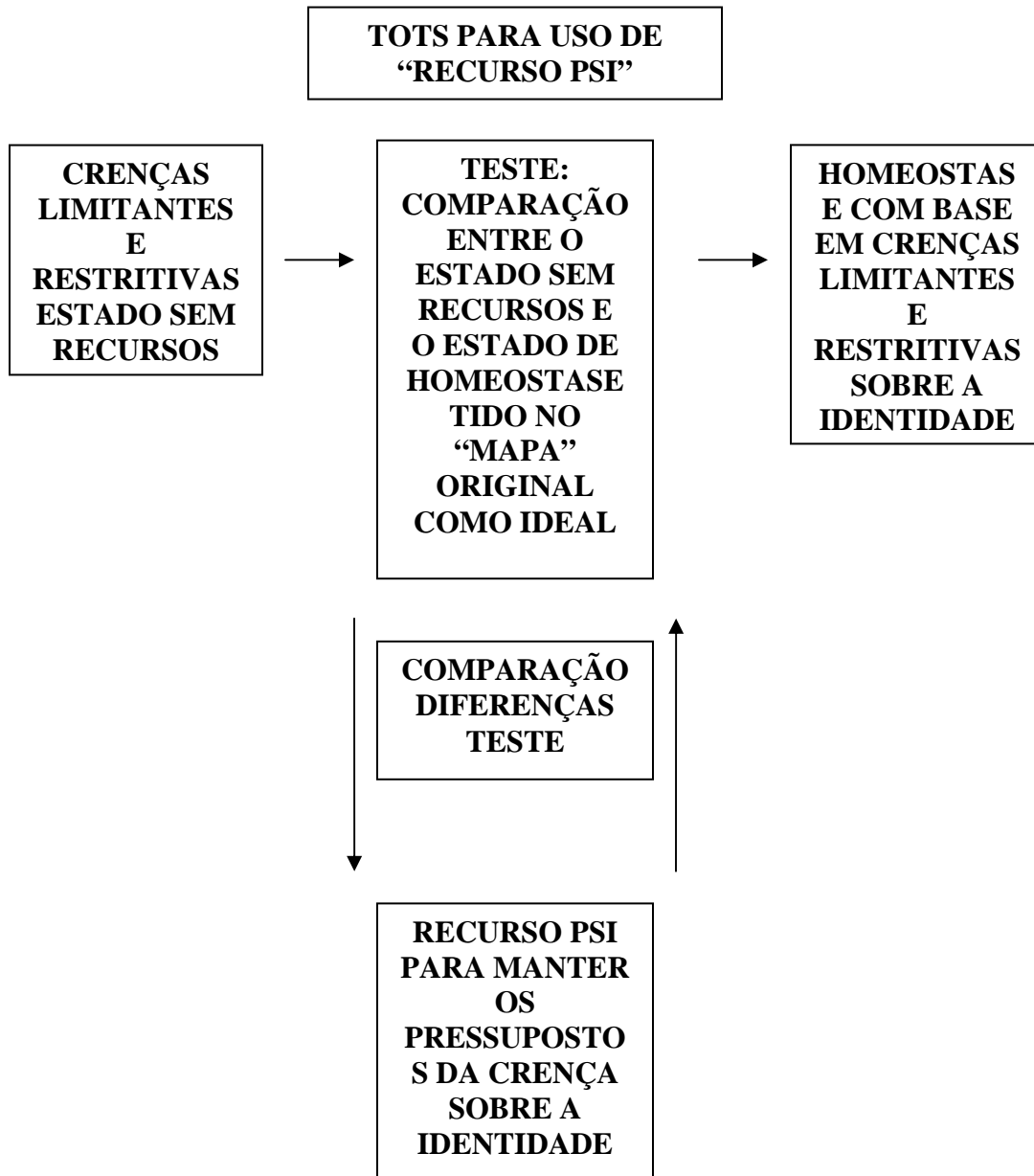
Logo assim que o pai faleceu, Cristina entrou em depressão e, quase que imediatamente, sofreu um forte abalo psicossomático: mais de setenta cistos “surgiram” em seus seios. *Para a PNL e outras linhas psicológicas as impressões do passado (relação com o pai) produzem crenças, moldam a personalidade e dão significado a identidade. Cristina, em suas manifestações, revive através das representações culturais valores como segurança, confiança e sabedoria através de intensos e complexos mecanismos de omissão, distorção e generalização. Como esses valores não estão conscientemente associados a sua identidade e possibilidades (pois as crenças sobre as possibilidades de sua identidade são limitantes), parecem manifestarem-se com a expressão dos fenômenos psi, vistos nesse contexto como produto de uma fonte externa (sobrenatural) que supostamente desempenharia uma função quase que parental e protetora, padrão esse congruente com seu “mapa” original, o qual contém uma “legenda” que especifica que “agentes externos” são a única forma de obtê-los. A PNL aplicada a sujeitos nessa situação poderia ajudá-los a fazer*

novas escolhas, ressignificando a forma como eles enxergam a si mesmos e o mundo (sistema).

o corpo passou a ser simbolizado como o receptáculo das questões emocionais para Cristina, sendo que algumas de suas supostas manifestações psi espontâneas expressam-se no nível fisiológico. *Considerando o Meta Modelo, Cristina parece estar guiada por “fuga do desprazer”, “busca da semelhança”* (entre o que aprendeu e o que estava disponível na simbologia religiosa), “orientação externa”, “atenção interna” entre outros.

As “personalidades” que Cristina passou a “incorporar” são representações culturais que transmitem geralmente a idéia de segurança, confiança, sabedoria, experiência, guia, zelo pela justiça e pelo bem estar e harmonia, valores e características que também buscava de forma dissociada. A relação simbiótica com o pai (modelo) parece ter estruturado a crença numa transferência da possibilidade de alcance desses valores através de sua conexão com coisas, pessoas e situações externas a ela. Estaria ela agora, na ausência do seu objeto de projeção (o pai) recorrendo às representações culturalmente aceitas para projetar sua necessidade de permanecer infantilizada e profundamente dependente de “agentes externos” capazes de resolver milagrosamente seus problemas e dando-lhe ao mesmo tempo a percepção aprendida de segurança evitando conseqüentemente o confronto com as limitações de seu restrito modelo ou TOTS?

A morte do pai de Cristina desfez um TOTS que estava em franco funcionamento e na falta de um modelo maduro para operar no sistema (mundo), Cristina entrou num estado sem recursos que é nominalizado por muitos como “depressão”. “Depressão” está virando um “modelo” para pessoas em estados sem recursos. Do ponto de vista puramente psicológico, o ingresso de Cristina num universo mágico foi uma reação defensiva contra um eminente quadro esquizóide que evoluía a passos largos para uma possível desestruturação de sua personalidade. Conforme se permitiu descobrir seus “espíritos guias” (ou partes, como a PNL os chamaria), foi gradativamente se sentindo mais “segura” e “protegida”, o que fez com que sentisse muita confiança e “fé” para viver e para lidar com questões e problemas de ordem pessoal e familiar. Apesar da dissociação, o inconsciente parece ter se esforçado para tentar descrever, caracterizar e de certa forma tentar integrar em parte suas “partes”. Uma espécie de PNL “natural”.



Aqui, observamos a simbologia cultural fornecendo recursos para a manutenção da estrutura psicológica. Embora os psicólogos possam considerar "neurótico" o processo, talvez possam concordar que, na falta de recursos outros para fazer o corte e elaboração psicológica, esse recurso foi mais saudável que uma eventual desestruturação da personalidade.

Pensando ainda sob a ótica de um modelo psicológico tradicional, Cristina iria, cedo ou tarde, confrontar-se com suas limitações. Sua imaturidade emocional demandava uma forte necessidade de controlar coisas, pessoas e situações que eram importantes para ela. “Antever” tendências era vital, pois não seria pega de surpresa, o que consistia numa espécie de “proteção” contra reviravoltas emocionais. Era uma necessidade forte cujo significado para sua “estabilidade emocional” parecia-lhe então imprescindível. *Mas como poderia ela ter sucesso nesta empreitada? Seu desejo, apenas, não dava conta de produzir resultados satisfatórios que a fizessem sentir-se segura. Sim, inconscientemente só teria “paz de espírito” se sentisse segurança, e apenas “crer” não bastava...*

Sob a ótica da PNL, poderíamos considerar a hipótese na qual ela havia colocado para *funcionar um novo TOTS* (Teste, Operação, Teste e Saída). O “estado presente” era a desarmonia e o desconforto emocional de um estado empobrecido de recursos. O “estado desejado” era o equilíbrio e a homeostase regidos por crenças onde seus valores deveriam ser alcançados através do controle e da supervisão daqueles (e das coisas) sobre quem projetava o poder de dar-lhe equilíbrio e sentido existencial. *Os supostos eventos psi espontâneos funcionariam retro alimentando o TOTS para que pudesse se sentir “segura”, de acordo com a dinâmica psicológica em funcionamento. E penso que essa dinâmica é uma das grandes contribuições da PNL para a compreensão da dinâmica de muitos supostos fenômenos parapsicológicos espontâneos e até mesmo experimentais.*

Cristina precisava, dentro de seu sistema de crenças, receber “sinais” ou “indícios” de que estava sendo amparada de forma quase parental por esses “agentes externos”, caso contrário teria de enfrentar uma série de questões para as quais acreditava não estar emocionalmente preparada: limitações, impotência diante de situações como a morte, diferenças entre ela, seu marido, filhos e familiares entre outras, as quais poderiam levá-la a danos irreparáveis dada a sua então presente percepção de fragilidade emocional. Ao invés de “danos”, Cristina começou a ter “sonhos”, “visões” e “premonições” relacionados a ela própria e a pessoas, eventos e situações diretamente ou indiretamente relacionados aqueles a quem ela estimava e que ocupavam um destacado papel em sua escala de importância. Tais sinais eram sempre interpretados como indícios da comunicação desses guias espirituais na sua intermitente missão de auxiliá-la a ter uma vida melhor, protegendo-a e orientando-a nos assuntos mais delicados de sua vida.

Alguns destes episódios podem ser imediatamente interpretados como eventos de ordem puramente psicológica. Outros eventos, no entanto, em especial aqueles os quais passo a relatar, apesar de terem tido um papel psicológico de fundamental importância para sua vida, parecem ter recebido o “auxílio” de possíveis recursos parapsicológicos para que se tornassem mais realísticos alimentando seu TOTS (teste, comparação, teste). Sem a “magia” da suposta

“percepção extra-sensorial”, sua concepção de segurança e confiança em seus guias espirituais desmoronaria bem mais cedo.

Sugeri no início dos anos 90, com base nesta e noutras poucas observações que pude fazer o “rascunho” de um modelo interativo psicológico - parapsicológico que voltaria a ampliar posteriormente mais de uma vez: A existência de um “*mecanismo de defesa psi*”. Tal mecanismo parecia funcionar como uma extensão ou apêndice de Mecanismos de Defesa Psicológicos Ordinários. Até onde eu podia ver, eles “pareciam entrar em cena” exatamente no momento em que os ditos mecanismos de defesa psicológicos estavam prestes a falhar e os sujeitos estavam para se defrontar com quadros psicológicos para os quais, talvez, não tivessem estrutura emocional para lidar, o que resultaria em danos psíquicos ou psicofisiológicos para os mesmos.

Revisitando o estudo de caso com a PNL, o quadro hipotético parece ter a função de “prolongar” crenças limitantes e restritivas e o TOTS estruturado por conta delas. Aspectos da estrutura profunda são deixados de lado através das generalizações, distorções e omissões.

Considerando que supostos fenômenos psi podem apresentar um “remetente psicodinâmico”, terapeutas poderiam ouvi-los e trabalhá-los provocando a ampliação da percepção do cliente, usando perguntas do meta modelo, posições perceptuais e diversos canais .para que o cliente possa “trafegar” pelo relato em várias outras direções, diferente do relato inicial. Promovendo novas formas de “ver, ouvir, sentir”, ampliando os mapas e conseqüentemente mudando as representações a respeito do mundo, criando assim novos significados e recodificando as informações armazenadas. Quadros como esse de Cristina poderiam se beneficiar das ferramentas e abordagem da PNL, independente dos eventos serem ou não genuinamente psi.

Vamos, analisar os eventos experimentados por Cristina os quais acredito terem grande chance de fazer parte de um complexo psicológico - parapsicológico ou como diria mais tarde para – psico – sócio -cultural que, agora, ganha mais compreensão e possibilidades de intervenção com a contribuição da PNL .

Evento 1

Numa tarde em 1987, Carlos, uma pessoa que conhecia a mim e a Cristina nos convidaram para uma sessão espírita (só que foi de Umbanda na verdade) em sua casa. Chegando lá, constatamos que não conhecíamos nenhum dos presentes. Após assistirmos a duvidosas incorporações de uma médium local. Esperávamos para nos retirar, quando Cristina começou a sentir tremores, e disse que sua “cigana” estava se aproximando. Entrou em um leve transe, se levantou, andou pela sala de visitas onde estávamos, e sentou-se ao lado de um senhor de mais de cinquenta anos o qual chamarei aqui de Renato, que era

amigo da família que era dona do apartamento, mas que nem eu nem ela conhecíamos.

A “cigana” começou a falar detalhes da vida do senhor, os quais soubemos logo em seguida serem absolutamente verdadeiros:

1 - Uma descrição detalhada da enferma esposa de Renato: Uma mulher obesa, acamada por estar acometida por diversas doenças. Uma mulher amarga, difícil de lidar.

2 - Uma descrição absolutamente precisa de seu filho de 13 anos, usuário de maconha e cocaína com regularidade.

3 - Descreveu uma cirurgia cardíaca que ele havia feito recentemente a qual mais tarde nos mostrou as cicatrizes.

4 - Descreveu uma mulher de cerca de quarenta anos, morena, a qual foi classificada por Cristina como sua amante. Ela descreveu esta mulher em detalhes minuciosos, inclusive os rituais de candomblé que ela praticava para prejudicar a sua esposa.

É imprescindível salientar que, antes de Cristina se aproximar como a “cigana”, ela só havia cumprimentado de forma geral o grupo.

Dias depois, meu amigo Carlos me telefonou como intermediário de Renato. Ele queria localizar Cristina e oferecer-lhe dinheiro para que ela pudesse usar seus dons psíquicos para ajudá-lo a elucidar aspectos obscuros de sua vida. Cristina recusou, alegando que além de não ser uma “profissional”, não queria ganhar dinheiro com essas coisas.

Evento 2

Em Agosto de 1991 passei um mês em um país da Europa envolvido em várias atividades profissionais. No entanto, em um dia de feriado naquele país, meu grupo decidiu na última hora aproveitar aquele que seria o único dia de folga (até porque trabalhávamos no final de semana também) para tentar apreciar um pouco as atrações turísticas. O meu grupo constava de dois europeus, o filho de Cristina (que havia viajado para assistir um dos cursos que estávamos ministrando) e Eu. Na própria manhã do feriado decidimos sair sem nem mesmo saber para onde ir. Entramos no carro, e fomos dirigindo.

Primeiro, visitamos um belo parque, muito verde e florido, com animais silvestres, onde curiosamente discutimos sobre uma planta que se parecia com a cabeça de um galo, com crista e tudo. Em seguida, vimos várias crianças brincando alegremente em uma clareira. Entramos no carro novamente e visitamos uma região cheia de rochas, com um “braço” que avançava para o

oceano. Em seguida Eu e o filho de Cristina compramos presentes numa pequena loja turística local.

Chegando do passeio, nós, brasileiros, decidimos telefonar para nossas famílias, pois já havia mais de cinco dias que não falávamos com elas. Vale dizer que nossos planos eram ignorados por todos - até mesmo por nós, que fomos decidindo o roteiro ao longo do caminho.

Coincidentemente Cristina havia visitado minha mãe naquela tarde, no mesmo momento em que estávamos quase chegando ao parque. Cristina queria saber notícias sobre seu filho, pois é bastante apegada a ele. Aliás, parte da necessidade de proteção especificamente voltada para a proteção da figura masculina que tinha do pai passou a ser projetada em seu filho após à morte do primeiro.

Como Cristina é próxima de minha mãe, senti a “aproximação” de uma de suas guias espirituais... Uma criança, e permitiu que ela a “incorporasse”. Entrou em “transe” e após se sacudir por alguns poucos segundos, passou a agir, falar e se comportar como se fosse uma menina de no máximo uns sete anos.

A menina disse que “os rapazes” estavam em um bonito jardim olhando para alguns pássaros. Após passar mais de meia hora falando sobre outros assuntos, inesperadamente voltou a falar sobre nós. Disse que estávamos num lugar de céu azul, perto do mar bem grande, e logo a seguir disse que estávamos comprando presentes.

Ao “recobrar a consciência”, Cristina foi informada sobre o que supostamente estava acontecendo com seu filho, e ficou mais aliviada ainda e segura, confiante nos seus “guias” quando obteve a realimentação que seu “relato” (para ela, o relato do espírito) era bastante consistente com o que havíamos experimentado.

Cristina me relatou vários episódios como esse envolvendo seus filhos, e pude observar que o retorno consistente era condição sinequanon para que acreditasse ter “algum controle” sobre o que acontecia com eles. Para ela era como que uma espécie de “prova” de que seus “guias” lhe davam constante proteção e amparo.

Evento 3

Em um domingo do mês de maio de 1988 estava em casa com minha família, quando recebemos a visita de Cristina. Conversávamos de forma animada e descontraída quando de repente ela pôs-se de pé interrompendo a conversa em que estava engajada, e seus olhos começaram bater semelhante aos movimentos REM (movimentos rápidos dos olhos). Ela que estava calma e

descontraída, começou a respirar de forma ofegante e mostrou expressões de agonia e desespero.

Perguntei-lhe o que estava acontecendo, quando então ela me disse:

- “Alguém...quer falar com você. André, alguém precisa muito de sua ajuda, algo horrível aconteceu, e essa pessoa está muito nervosa, e não para de pensar em você!”

Gradualmente foi voltando ao seu estado normal, e tão logo aconteceu, ficou sem graça e pediu desculpas por seu comportamento estranho.

Passados cerca de vinte minutos, quando já havíamos quase que esquecido o incidente, recebi uma inesperada ligação de uma amiga minha. Ela estava muito nervosa e aos prantos. Seu filho havia sido atropelado e estava sendo operado num conceituado hospital universitário. O pai do menino estava viajando a negócios e, como eu era a única pessoa na cidade que ela conhecia, ligou para me pedir ajuda. Disse que gostaria de ter ligado antes, mas não havia telefone no lugar onde ela estava.

Evento 4

Em junho de 1988 estava na casa de Cristina conversando com o filho dela. Cristina, por sua vez havia adormecido num divã em sua sala de estar. Estávamos no aposento ao lado e, num momento em que fizemos silêncio, ouvimos a respiração de Cristina, pesada, ofegante.

Fomos verificar, e encontramos Cristina “adormecida”, mas com as mãos pressionadas contra o peito. Era como se ela estivesse sofrendo um ataque cardíaco. Gemia de dor e se contorcia.

Chamamos por ela e a sacudimos, quando de repente ela abriu os olhos. Não era real. Ela havia tido um sonho bastante realístico onde estava sofrendo um enfarto descreveu uma forte dor no peito, dificuldade de respirar, dor e morte.

A experiência a havia impressionado bastante.

Cerca de trinta minutos depois, a família recebeu um inusitado telefonema. O tio de Cristina que tinha 52 anos, saudável, atlético etc. havia sofrido um ataque cardíaco fulminante tendo falecido em decorrência disso. O horário coincidia com o “sonho” de Cristina, e investigações posteriores que fiz revelaram que ela aparentemente reproduziu o processo de morte de seu tio: dor no peito, dificuldade de respirar, mais dor e morte.

Simpatizante da minha abordagem para com possíveis fenômenos parapsicológicos, o filho de Cristina me relatou vários outros episódios semelhantes aos que tive a oportunidade de estar envolvido.

Lembra-se de quando tinha cerca de dez anos de idade, e sua mãe junto com sua avó haviam levado seus filhos e netos a um cinema esférico destes que simulam passeios de montanha russa num parque de diversões. No meio da sessão, onde todos se divertiam bastante, Cristina entrou em pânico dizendo que tinha que tirar todos da “bolha”. Mesmo contra a vontade de todos, conseguiu cumprir sua vontade. Tão logo passaram na roleta de saída, houve uma falta de luz inesperada no parque, e a bolha, que se mantinha inflada por uma bomba de ar, começou a murchar. As pessoas ficaram apavoradas e começaram a pisar umas nas outras. Houve pessoas gravemente feridas.

Ele também conta sobre uma vez em que viajou para a Europa e foi assaltado e levado para um parque verde á noite. O homem ameaçou matá-lo com uma arma, mas, como outras pessoas chegaram, fugiu.

Quando chegou a seu hotel, encontrou vários recados de Cristina pedindo que ligasse com urgência. Quando retornou a ligação sua mãe estava aflita, pois “sabia” que algo terrivelmente perigoso estava acontecendo com ele.

Várias dezenas de casos semelhantes foram relatados por seus filhos e esposo. A maioria dos casos que me pareciam “autênticos” envolviam seus filhos, marido e sua família. O tema: Ameaça à integridade física deles predominava, seguido por uma espécie de “espionagem paranormal” que incluía, sobretudo, a estranha percepção de eventos os quais Cristina gostaria de saber o que estava acontecendo com eles, seja por curiosidade, seja porque discordava ideologicamente do que eles estavam fazendo. Dentro do foco da PNL, o controle estreito dessas coisas, pessoas e situações era considerado vital para sua distorcida noção de equilíbrio (ecologia).

No auge dos eventos em que pude presenciar (1988), Dra. Amaral realizou entrevistas e testes psicológicos com Cristina, o que resultou na seguinte hipótese psicodinâmica:

“Os resultados dos testes e entrevistas apontam para um padrão comportamental o qual já havíamos percebido desde o início: Cristina tem pouca habilidade para lidar com a frustração. Tal padrão parece ter tido sua origem no tipo de relação que mantinha com seu pai, pessoa que realizava seus desejos a qualquer preço até a vida adulta, ao mesmo tempo em que a impedia de viver situações difíceis. Podemos observar sua pouca habilidade para lidar com eventos trágicos e/ou que escapam à suas expectativas.

Nossa hipótese de trabalho começou quando pudemos observar sua forte necessidade de evitar situações que, por sua imaturidade profissional, poderiam

levar à desestruturação de sua personalidade. Ela se defende destas situações focalizando fatores externos que lhe dão a ilusão de proteção. Tal padrão, no entanto, acarreta na estagnação de sua personalidade, e impede seu amadurecimento emocional uma vez que a estratégia inconsciente é sempre a de evitar o confronto e a dor necessários para tal.

Observamos que os “feedbacks mais ou menos precisos” oriundos da mediunidade que ela acredita possuir desempenham um fator essencial neste processo, reforçando seus mecanismos defensivos, ajudando-a a manter uma espécie de “pseudo-equilíbrio” mental. Todo este processo com resultados satisfatórios (mediunidade + informações precisas) dá coerência as suas ações. Observação: Na visão da PNL, reforça o TOTS).

Mantendo a crença de que é capaz de “prever ou antever” eventos, Cristina, ao mesmo tempo encontrou uma satisfatória forma de controlar eventos, pessoas e situações fundamentais em sua vida”.

O estudo de caso foi previamente publicado no Journal of the Society for Psychical Research (Carvalho e Amaral, 1992. JSPPR).

Caso 2: Frida

Frida iniciou seu tratamento psicoterápico comigo em Dezembro de 1991. Era uma mulher divorciada há mais de vinte anos e tinha um casal de filhos, ambos em torno de trinta anos de idade. Frida era a filha mais nova de uma prole que tinha três irmãos mais velhos. Desde seu nascimento, houve graves deficiências de cuidados de seus pais para com ela, sendo que, num dos episódios, ela quase morreu, pois desenvolveu anemia devido à alimentação inadequada.

A vida sexual de seus pais também lhe causou problemas. Na infância, sofreu vários abusos sexuais por parte do pai. Custou-lhe muito tempo de terapia para separar em sua mente a diferença entre o amor que sentia pelo pai e o ódio que sentia pelos seus atos. Sua mãe, por outro lado, fazia uma coleção de novelas eróticas, as quais Frida teve acesso ainda bastante jovem, o que serviu de base inicial para que desenvolvesse de forma bastante precoce suas próprias fantasias sexuais.

Quando tinha quatorze anos, sua mãe que, há muito era promiscua sexualmente, abandonou a família. Todo o seu quadro familiar e recentes experiências deixaram-na bastante confusa a respeito de conceitos de amor, sexo, intimidade e família. Se por um lado fazer sexo era algo extremamente "fácil" para ela, desenvolver e manter "amizade" por pessoas era algo quase que impossível. Tinha dificuldade em ter uma relação emocional íntima com seus parceiros, ao mesmo tempo em que fantasiava encontros eróticos com seus poucos amigos. Sexo, amizade e relacionamento interpessoal estavam

profundamente misturados em sua mente. Como não acontecia "sexo" com os amigos nem "intimidade" com seus parceiros, ela não se sentia motivada para persistir em nenhuma destas categorias de relações. Ficava presa num círculo vicioso da busca de algo que nunca se completava - ou nunca era bom o bastante, o que a deixava deprimida.

No meio de um complicado divórcio e de uma depressão avassaladora, Frida descobriu o "universo" de práticas alternativas e religiosas que davam a ela a visão de um mundo melhor, mais justo, onde seus sofrimentos passaram a ser interpretados como "carma" ou provações pelas quais tinha que passar como um caminho para o seu desenvolvimento pessoal e espiritual. Tal enfoque trazia-lhe mais conforto e tranquilidade e penso que, neste momento, ficou bastante claro que a solução de seus problemas deveria ser buscada "fora" e não "dentro" dela. Entre as práticas as quais ela passou a se dedicar destacam-se: Yoga, meditação, religiões afro-brasileiras, espiritismo Kardecista, controle mental, Tai-shi-shuam, parapsicologia entre muitas outras atividades que buscavam "trabalhar" corpo, mente e espírito. Entre suas leituras preferidas estavam livros de psicologia Junguiana, teologia e filosofia oriental.

Durante o processo de terapia, Frida desenvolveu uma forte transferência com relação ao autor, projetando sua necessidade de busca de amor, amizade e intimidade. Muitos foram os sonhos em que Frida relatou onde tinha relações sexuais ou de grande intimidade comigo.

Evento 1

Neste processo, durante um período em que pude combinar minhas férias com conferências na Europa em que fui convidado a participar como palestrante, viajei com uma amiga minha. Frida, assim como os meus outros pacientes, não sabia nenhum detalhe, sequer superficial, sobre meu itinerário ou sobre minha amiga.

Em 05 de Outubro de 1993, tive uma agenda profissional bastante cheia. Passei todo o dia participando de um debate num estúdio de televisão em Valência, Espanha, e usava um paletó cinza e uma camisa azul que havia adquirido um dia antes de embarcar para a Europa (nem pessoas da minha família puderam vê-los). Retornei ao hotel a uma da madrugada e, do saguão do hotel, de uma sofisticada cabine, telefonei para o quarto de minha amiga perguntando se ela gostaria de jantar, quando fui informado por ela que os restaurantes do hotel e das redondezas já estavam fechados, sendo que só o serviço de quarto funcionava. Fui para seu quarto esperar o lanche. Logo, gostosos sanduíches e refrigerantes foram trazidos numa exótica bandeja de prata que era grande e comprida.

Retornei ao Brasil no dia 07 de Outubro de 1993 e meu primeiro encontro com Frida aconteceu no subsequente dia 12. Ela iniciou sua sessão puxando da

bolsa um caderno onde anotava sonhos e pensamentos. Queria me contar um sonho que teve no dia 05 de Outubro que a havia marcado. No sonho, Frida andava por uma cidade "estrangeira" e chegava a um grande hotel, perguntando a recepcionista pelo meu quarto. Andou pelo saguão até achar algo que se parecia com uma cabine telefônica. Ao discar para o meu quarto, uma mulher atendeu, fato este que a deixou furiosa de ciúmes. Tomou o elevador e dirigiu-se ao meu quarto. Quando ela bateu, eu teria aberto a porta usando uma camisa azul e um paletó cinza. Ela começou a justificar seus sentimentos para mim, quando inesperadamente entrou um garçom trazendo meu jantar em uma "atípica" bandeja de prata que era grande e comprida.

Até aquela data, Frida jamais havia saído do Brasil. Esse foi um dos relatos mais impressionantes e fidedignos que já tive a oportunidade de testemunhar, e tenho consciência de como soa impressionante e dramático.

Evento 2

Em certa ocasião, Frida se desligou da terapia por quatro meses, pois foi agraciada com uma bolsa de estudos envolvendo práticas alternativas no Nordeste Brasileiro. Neste período, não nos comunicamos. No final do quarto mês em que ela estava ausente, devido a um quadro de estresse, tive uma semana em particular, onde senti sintomas físicos desagradáveis, como um leve aumento de minha pressão sanguínea, dor de cabeça etc. Fui forçado inclusive a desmarcar consultas por quase uma semana. Três dias depois do ápice do meu quadro físico desagradável, recebi um cartão postal dela, me mandando notícias positivas e expressando claramente sua preocupação com minha saúde, pois havia tido uns sonhos que sugeriam que eu não estava bem de saúde.

Estas experiências parecem sugerir que:

1 - O período em que acontece a transferência pode ser propício à ocorrência de eventos parapsicológicos espontâneos, o que já foi sugerido em literatura especializada (e.g. Eisenbud, 1970; Tornatore, 1977).

2 - A natureza das supostas experiências psi poderiam propiciar a fluência de informações anômalas (e.g. telepatia, clarividência, precognição) ou de influência anômala (psicocinesia).

Caso 3 - Wanda

Wanda iniciou um ciclo de sessões psicoterápicas por causa de recorrentes fobias. Ela tinha quarenta anos. Apesar de casada, havia cuidadosamente construído e mantido uma verdadeira "corte" de irmãos e irmãs que a protegiam e "mimavam". Suas fobias eram de ficar em locais fechados, tomar um simples

elevador, andar de avião, se separar de sua "corte" familiar etc. Inconscientemente sua família a superprotegia como se ela fosse uma criança pequena, evitando que ela se confrontasse com suas limitações. Para que mudar?

Nasceu no seio de uma família de orientação Católico - Romana, recebeu sua educação por muitos anos em colégios de freiras. No entanto, adulta, passou a interessar-se e freqüentar reuniões espíritas, embora não tivesse abandonado totalmente o catolicismo.

Wanda relatou-me muitas experiências que poderiam ter sido psi espontâneas, consistente com relatos e observações feitas por pesquisadores, além de ter se interessado por toda uma gama de assuntos como "controle mental", "poder da mente" etc.

Algumas poucas semanas foram suficientes para que Wanda pudesse desenvolver uma forte transferência em relação a mim. Ela projetava, sobretudo, sua necessidade de se sentir amparada, protegida e preenchida por alguém. Inúmeros eram os argumentos que defendia onde acreditava ter de encontrar "pessoas", "coisas", religiões, gurus que pudessem ajudá-la, conduzi-la, etc. Por muito tempo, ela quis me ter como sendo esse "alguém".

No "auge" da transferência, aproveitei a semana do carnaval para tirar uns dez dias de descanso, pois há muito não o fazia, onde viajei para longe e não mantive contato com nenhum cliente. Como raramente deixo de misturar "trabalho" com "prazer", levei na última hora um texto que estava preparando para uma conferência a qual havia sido convidado a participar. A data - limite de entrega estava bem próxima, e minha pouca vontade de trabalhar nisso por causa das curtas férias me deixava preocupado, pois precisava me motivar e escrever um bom trabalho. Quando retornei para meus atendimentos, Wanda, em sua primeira sessão, relatou um sonho onde me via extremamente preocupado em terminar um trabalho para apresentar num congresso.

Novamente, mais um cliente pareceu haver incorporado no material de seus sonhos aspectos da vida pessoal de seu terapeuta, os quais não poderia ter acesso por vias normais, num período de intensa transferência.

Caso 4: Janaína

Janaína tinha quarenta anos quando iniciou tratamento psicoterápico comigo.

Divorciada duas vezes, tinha um casal de filhos ambos na faixa dos 20 anos, do primeiro casamento. Quando Janaína tinha 4 anos, seu pai morreu. Sua mãe, sem condições de criá-la, levou-a para o interior para morar com sua madrinha e sua avó por mais de sete anos.

Sonhava diariamente que sua mãe era uma mulher perfeita, quase "santificada" que iria buscá-la um dia. Isso de fato aconteceu sete anos depois, mas no lugar de uma "santa", encontrou uma mãe afetada por graves distúrbios mentais que a obrigava a fazer duros trabalhos caseiros além de espancá-la e torturá-la fisicamente de diversas formas.

Não tardou muito para que Janaína Concluísse que sua mãe não era perfeita, mas não desistiu de procurar essa "perfeição" em pessoas, coisas, religiões diversas. Freqüentava a Igreja católica, era "médiun" em terreiros de Umbanda e Candomblé, praticava Yoga, meditação, participava de um grupo de estudo espírita Kardecista e outro de temas parapsicológicos com uma abordagem mais científica.

Intelectualmente era brilhante, com especial inclinação para matemática e física. Emocionalmente, era um turbilhão. Era extremamente desconfiada das pessoas, tinha dificuldade de fazer amizades, também ficava extremamente confusa ao tentar diferenciar amizade e sexualidade.

Falando em sexualidade, a ausência da mãe foi preenchida por fantasias de encontrá-la novamente, uma "mulher perfeita". Quando a encontrou queria dar e receber amor. No lugar, encontrou violência. Não foi surpresa verificar que mais do que "carinho", Janaina excitava-se sexualmente com violência, e apresentou traços de bissexualidade, com a observação de que buscava mulheres perfeitas que a completasse. Na descrição de suas fantasias, parecia querer se comportar algo semelhante como uma "filha". Nitidamente buscava a mãe "perfeita" que não teve.

A constante busca da "pessoa perfeita" que faria uma grande diferença em sua vida, não tardou a se transformar numa forte transferência em relação ao autor. Na sua fantasia, seu terapeuta tinha de ser perfeito e infalível, dizendo sempre a palavra certa e usando a técnica certa. No decorrer da terapia, disse que, naquele momento de sua vida, eu era a única pessoa disposta a ouvi-la e tentar "compreendê-la" e "ajudá-la". Sentia-se pela primeira vez segura para falar sobre os detalhes mais íntimos de sua vida.

Recusava-se a me perder e a ver o meu lado humano. Não tardou para que tivesse sonhos de envolvimento afetivo e/ou sexual com a figura do terapeuta. Neste período experimentou eventos onde aparentes fenômenos psi preencheram lacunas existentes no nosso relacionamento.

Evento 1

Em Novembro de 1993, um amigo que acabara de chegar dos Estados Unidos telefonou para meu consultório no Rio, inesperadamente, me convidando para

jantar em sua casa naquela noite. Como não tinha compromissos, aceitei de pronto o convite. Chegando lá, uma das primeiras coisas que ele fez foi me mostrar algo que havia comprado. Tratava-se de uma esfera de vidro cuja base era conectada à eletricidade. Pos o seu quarto no escuro e ligou o aparelho. De uma esfera menor no centro, raios rosados eram lançados até se encontrarem com o limite do vidro. Os raios também modificados em tamanho, forma e intensidade de acordo com música e com os sons que emitíamos. Um outro botão do dispositivo foi acionado, e os raios se transformaram então em uma espécie de fumaça rosada. Em seguida, meu amigo me mostrou um dispositivo de slides, uma espécie de óculos que criavam um efeito de três dimensões durante a exposição das imagens. Eu vi cenas que retratavam a cidade de Amsterdã com tulipas, roupas típicas etc.

Terminado o jantar voltei para minha casa e, além de nem sequer falar ao telefone com nenhum paciente, não comentei com ninguém que havia jantado fora e o que havia acontecido.

Na manhã seguinte, atendi Janaína, que iniciou a sessão ansiosa por me contar um estranho sonho que havia tido comigo naquela noite.

No sonho, ela estava dormindo quando despertou e descobriu que havia uma cama ao lado da sua, onde um homem dormia. Primeiro teve a impressão de ser seu primeiro marido, depois seu filho. Ao mesmo tempo, surgiu uma figura espectral na escuridão que queria atacá-la.

No meio disso eu havia surgido no sonho e me propus a explicar que tal figura espectral não era real, e sim fruto de um truque sofisticado, uma ilusão. Eu usava uma espécie de sobretudo transparente que liguei a uma tomada. De repente a roupa começou a soltar raios cor-de-rosa e uma fumaça rosa que se desprendia da parte inferior do sobretudo. Fazendo isso, eu teria demonstrado o "segredo" do espectro.

Na segunda parte do sonho, Janaína me viu andando por uma cidade estrangeira que arriscou descrever como "Européia". Viu-me apreciando coloridas flores de caule fino e comprido.

Evento 2

Pouco tempo depois deste intrigante sonho, eu vivia a expectativa da chegada de uma razoável soma de dinheiro vinda do editor que publicou meu primeiro livro na Espanha, pois com o capital, poderia fazer urgentes reformas no meu consultório. No período em que considero como tendo sido o "auge" de minha expectativa, Janaína teve um sonho no qual uma voz pedia que ela me incentivasse a jogar numa loteria disponível no Brasil, e que eu apostasse no número 1320. Curioso com o sonho, depois que atendi a todos os clientes

daquela manhã, procurei uma loja de loteria e, para meu espanto, soube que o sorteio daquela manhã havia resultado no número 1320.

É importantíssimo dizer que minha sessão com Janaína ocorreu às 8 horas da manhã, que o sorteio ocorreu às dez horas e que eu só soube do resultado às 12h30min do mesmo dia.

Janaína exibiu estes e outros eventos de menor repercussão durante o período em que sua transferência esteve mais intensa, e de alguma forma ela satisfaz minha curiosidade em observar mais de perto eventos desta natureza. Sua representação da desmistificação do espectro parece ter relação com minhas constantes tentativas neste período de trabalhar terapêuticamente sua fixação em mim.

Caso 5 : Pedro

Pedro tinha 26 anos de idade quando iniciou terapia comigo, em 1991, permanecendo por três anos em tratamento. Muitos foram os interesses manifestos por Pedro em relação à psi e assuntos "mentais" que, desde muito jovem, fizeram com que desenvolvesse uma forte predisposição para experimentar possíveis fenômenos parapsicológicos. Dez anos de meditação. Nove anos de profundas leituras e cursos envolvendo inúmeros temas relacionados à parapsicologia, meditação, hipnose, estados alterados de consciência, antropologia, teologia, psicologia, Jung, mitos etc. Frequentemente praticava relaxamento, auto - hipnose, etc.

Sua história de vida fazia com que acreditasse que era um perdedor, e desenvolveu como consequência um forte sentimento de inferioridade. Pedro é bissexual, e, um dos motivos que o trouxe para a análise foi sua recém descoberta (e até então problemática) homossexualidade. Sentia-se um perdedor no amor. Tinha uma fantasia inconsciente de que ele não seria jamais valorizado e de que as pessoas eram muito "bondosas" por estarem tendo um relacionamento com ele. Tal crença valia também para amizades.

Pedro sentia-se "fraco". Emocionalmente imaturo, buscava constantemente fora de si pessoas e situações que pudessem "completá-lo". Queria sentir-se "protegido" por aqueles com quem se relacionava. Suas relações interpessoais sempre acabavam mal, pois a intensidade de projeções era tamanha que, raramente, conseguia ver a pessoa como ela realmente era, e as pessoas não estavam sempre interessadas em se tornar esses personagens fantásticos que ele criava.

Falando especificamente de relações afetivas - sexuais, a terapia fez com que ele descobrisse um padrão psicológico onde tendia a se comportar como um

"filho" querendo ser amparado por seu(s) "pais". Tal padrão também trazia muitas complicações na manutenção das mesmas.

Pedro já havia me relatado vários eventos que poderiam ter sido "psi espontâneos" antes que eu pudesse testemunhar vários episódios.

Evento 1

Numa certa noite de uma época em que Pedro esteve envolvido numa relação com um rapaz, mas ou menos de sua idade, ele assistia a uma divertida comédia na televisão do grupo "Montyphyton", quando teve uma abrupta mudança de humor. Desligou-se do programa, pos - se de pé, experimentou uma forte angústia e uma taquicardia, enquanto um forte sentimento de que algo muito perigoso estava acontecendo com seu amigo.

Neste meio - tempo, ele me telefonou pedindo-me uma sessão extra de terapia no próximo dia. Contou-me sobre sua experiência, e interpretou-a como um fenômeno puramente psicológico, fruto dos problemas que ainda precisava resolver, pois já estava numa fase em que reconhecia seus padrões disfuncionais e estava disposto a fazer o que pudesse para evitá-los e resolvê-los. Marcamos então uma sessão extra para a próxima tarde.

Na manhã seguinte, Pedro me telefonou novamente para me contar que, logo após o nosso telefonema, seu namorado o contatou dizendo que estava voltando da casa da mãe dele, num bairro de classe alta do Rio de Janeiro quando, ao parar num sinal, foi abordado por homens armados que lhe fizeram ameaças, inclusive de matá-lo, mas, felizmente, conseguiu escapar.

Evento 2

Não muito longe desta data, Pedro estava dormindo ao lado de seu amigo quando despertou de um terrível pesadelo: Ambos andavam num lugar escuro, quando então surgiu um homem que tentou atirar no amigo com uma arma.

Coincidentemente, na manhã seguinte, Pedro tinha uma sessão comigo, quando relatou seu sonho, o qual foi imediatamente interpretado por ele como uma extensão de sua psicodinâmica: Medo de perder aquele que, além de amar, transmitia-lhe a sensação de proteção e segurança, sensação de ameaça e medo da perda etc. Naquela mesma tarde, contudo, Pedro me telefonou dizendo que seu amigo esteve inusitadamente sob a mira de um revólver. Ele trabalhava em um hospital e, um marido inconformado com a morte de sua esposa, puxou uma arma de sua pasta e ameaçou matar todos quanto pudesse. Se não fosse a habilidade dos seguranças do hospital, o amigo de Pedro poderia estar morto.

No caso de Pedro, havia uma intensa transferência e projeções em relação a seu companheiro e seu terapeuta (eu) era visto como aquele a quem ele podia confiar e recorrer quando necessário. Ele também me via como uma fonte externa de ajuda, projetando sua forte necessidade de proteção e amparo. Seus eventos não só "monitoravam" seu amigo, como "antecipavam" seu contato comigo - duas pessoas alvos de sua intensa projeção.

Caso 6: João

Este caso despertou meu interesse em especial por causa de dois fatores importantes:

1 - Eu tive a oportunidade de, mais uma vez, testemunhar de forma bastante privilegiada seus relatos antes que os fenômenos se caracterizassem com potencial de serem interpretados como manifestações psi espontâneas.

2 - Embora bastante interessado pelo assunto e tendo experimentado eventos deste tipo desde a adolescência, João, o sujeito observado, tinha uma postura bastante cuidadosa e até mesmo cética diante da possibilidade dos eventos serem interpretados como "paranormais". Antes de considerá-los como podendo - quem sabe - pertencer a esta categoria, tendia a interpretar suas vivências emocionais com base em argumentos psicológicos, devido às leituras no campo e trabalhos psicoterápicos que já havia vivenciado.

As observações que fiz abarcaram mais especificamente o vigésimo sexto ano de sua vida, mas entrevistas anteriores fizeram com que eu pudesse registrar aparentes episódios psi desde o início de sua adolescência, os quais apresento na forma de tabelas mais adiante.

João havia sido meu aluno em muitos cursos que ministrei na área da Parapsicologia, Psicologia Transpessoal, Psicologia Geral, Programação Neurolinguística e Técnicas de Controle Mental. Formou-se em psicologia clínica em uma destacada universidade brasileira e além de seu trabalho como terapeuta - o qual exercia com sucesso - mantinha considerado interesse pelos assuntos com os quais eu trabalho me interesseo.

Apesar de não ser meu paciente, sentia-se livre para dividir comigo coisas que temia falar com outros colegas, com medo que o considerassem ridículo, tolo ou até mesmo inapto para exercer suas funções profissionais.

Evento 1

Em certa manhã em 1993, atendi a uma ligação de João perguntando se poderia falar comigo em meu consultório após o término de meus atendimentos. Chegando lá, contou - me um sonho ocorrido na madrugada anterior que o havia

impressionado. No sonho, estava no carro com sua tia num lugar distante, numa oficina mecânica, trocando o pneu do carro, quando teve uma forte vontade de telefonar para a mãe dela, que no momento cuidava de sua muito desejada e querida filhinha de um ano e três meses. Foi quando então recebeu a notícia de que o bebê estava morrendo.

Juntos chegaram à casa da mãe dela, que segurava o bebê desfalecido em seus braços. Uma das irmãs dela que morava distante estava lá, chorando, pois o bebê havia morrido. Ao dar-se conta do ocorrido, João começou a chorar intensamente, quando despertou, chorando, com o coração batendo mais forte e fortemente impressionado. Custou muito para voltar a dormir novamente. É importante mencionar que, naquele período, o bebê estava em excelente saúde. Sentiu-se compelido a contar para sua tia sobre o sonho, pois já havia tido experiências as quais acreditava terem sido premonitórias, mas decidiu não fazer, pois poderia não ser nada além de um pesadelo, não desejando provocar pânico desnecessário. Não queria se vangloriar por isso. Havia, ao contrário, um grande incômodo...

Juntos, discutimos por quase duas horas possíveis significados psicológicos do sonho e do bebê. Ele amava a criança, e “bebês” tem significado de vida, de esperança, de renovação. Eram imagens e símbolos importantes na sua hierarquia de valores com crenças que os reforçavam, mas as associações que tentávamos fazer estavam forçadas demais. Não conseguimos identificar um fator que justificasse a emersão daquele conteúdo naquele momento de sua vida. Por fim, uma semana depois, mal se lembrava do sonho e quando o fazia, classificava-o como um mero pesadelo.

Registrei o caso em meus arquivos pessoais. Duas semanas depois, João me relatou o que parecia ser o desfecho daquela situação: Inesperadamente o bebê de sua tia (a mesma do sonho) contraiu uma gripe virótica que obstruiu suas vias respiratórias. A avó da menina se ausentou da casa por alguns minutos, e a babá ministrou o medicamento errado ao bebê, o que causou uma imediata e intensa reação alérgica. Coincidentemente a mesma irmã da mãe do bebê que ele havia visto no sonho, que morava distante, chegou para uma visita inesperada e constatou que o bebê passava muito mal a ponto de desfalecer. A mãe do bebê estava num borracheiro consertando um pneu de seu carro que havia furado naquela manhã quando sentiu um forte impulso de telefonar para saber notícias do bebê, quando sua mãe, recém chegada e aos prantos, pediu que ela viesse imediatamente. A família levou o bebê ao seu pediatra, que ministrou outros medicamentos que minimizaram o efeito da alergia e reverteu o processo. O médico disse que se houvesse mais demora talvez não conseguisse salvar a menina.

Conversando com João posteriormente, o mesmo confessou-me que o incidente real não havia tido quase que nenhum impacto sobre ele se comparado com o sonho. Concluimos que *o sonho parece ter tido a importante função de*

amortecer o impacto emocional do evento futuro, “ensaiando” e “preparando-o” para o que iria de fato acontecer mais tarde.

Sua necessidade de “monitorar” eventos impactantes vinham de um passado onde sofreu consideravelmente com situações conflitivas no relacionamento com os pais que comprometeram bastante sua auto-imagem e suas referências pessoais para sentir-se seguro e protegido. Isso resultou em crenças limitantes e restritivas sobre sua identidade com conseqüência desvalorização de si e supervalorização do “outro”, que, como em outros casos, foi significado como portador de capacidades e habilidades consideradas importantes, valorizadas e desejadas, as quais não acreditava poder desenvolver (crença negativa).

Notem que o modelo de aprendizagem da PNL oferece uma perspectiva mais otimista e construtiva sobre a “aprendizagem” não generativa com base em referências, crenças, valores e regras e suas configurações, evitando “rótulos” e nominalizações (neurose) e abrindo possibilidades para trabalhos e intervenções com as muitas ferramentas que possui. Essa perspectiva oferece uma possibilidade mais funcional de compreensão da ocorrência de eventos psi na dinâmica sistêmica dos sujeitos que supostamente os experimentam.

Muitas foram as experiências aparentemente “premonitórias” de João as quais simplesmente detestava pela sensação de “impotência” que experimentava entre a experiência e sua confirmação. Ele suspeitava deste tipo de sonhos, pois após oito anos de psicoterapia e processos de auto-conhecimento, seus pesadelos reduziram-se, a seu ver em mais de 95%.

Evento 2

Uma noite João sonhou com sua bisavó, com a qual havia passado muito tempo durante sua infância, tendo sido uma de suas muitas “figuras maternas”, com quem mantinha forte laço afetivo. Naquela época, era uma senhora de mais de oitenta anos ativa, lúcida, saudável, ativa, vivendo com uma de suas filhas numa cidade distante. Por razões diversas, João não a visitava há mais de um ano.

Naquela noite, ela apareceu em seu sonho para dizer-lhe que ele se preparasse para sua morte. De seu coração, fluía grande quantidade de sangue que João tentou colocar em um copo. O jovem acordou muito emocionado do sonho, chorando, e no dia seguinte, 31 de dezembro telefonou-me completamente fragilizado dizendo que iria passar o ano novo com amigos, mas estava muito propenso a desmarcar sua viagem pois o sonho o havia impressionado. Contou para sua mãe, para seu melhor amigo, Sandro e para outros membros de sua família. Todos o aconselharam a viajar, pois falaram com a senhora há uma semana, no natal, e ela estava muito bem e com excelente disposição. Sua bisavó era a matriarca da família, pessoa representativa de muitos valores familiares que havia metamodelado gerações da família de João, além de ser uma das pessoas sobre quem ele projetava expectativas sobre o preenchimento

de algumas necessidades afetivas e manutenção de valores e crenças essenciais.

João mal conseguiu aproveitar o feriado, retornando mais cedo. Ao encontrar sua mãe, na chegada, recebeu a notícia de que, inesperadamente, sua bisavó havia sofrido um inesperado infarto e estava hospitalizada. Dois dias depois, ela veio a falecer. Embora o evento tenha tido um impacto emocional sobre ele, novamente, o mesmo não negou o fato de que o sonho que havia tido o emocionara muito mais. De alguma forma estava “esperando” por aquilo...

Análise de Supostas Experiências Psi relatadas por João

TABELA I - TIPOS DE EXPERIÊNCIA DE ACORDO COM A CLASSIFICAÇÃO DE LOUISA E. RHINE:
Experiências realísticas: 3
Experiências irrealísticas: 7
Experiências intuitivas: 4
Experiências alucinatórias: 3
TOTAL: 17 eventos

TABELA II - TIPOS DE PERCEPÇÃO EXTRA-SENSORIAL APARENTEMENTE VIVENCIADAS:
Precognições: 9
Percepção Extra - Sensorial Geral: 8
Obs. Supostos casos de telepatia e clarividência
TOTAL: 17 eventos

TABELA III - TIPO DE ALVO ATINGIDO PELA APARENTE PERCEPÇÃO EXTRA - SENSORIAL
Parentes sanguíneos: 2
Parentes com os quais João mantinha fortes laços afetivos: 2
Amigos com os quais João mantinha fortes laços afetivos: 8
Conhecidos com pouca proximidade emocional: 3
Pessoas desconhecidas: 2
Coisas / objetos materiais: 2
TOTAL: 19
Obs. Alguns eventos se encaixaram em mais de uma categoria

TABELA IV - NATUREZA DOS ALVOS:
Mortes: 4
Acidentes: 1
Eventos relacionados a rompimentos de vínculos emocionais: 5
Eventos que, por terem ocorrido, reforçaram laços afetivos: 5

Eventos relacionados a questões envolvendo o próprio João: 2
Eventos relacionados à necessidades urgentes : 14
TOTAL: 31 eventos
Obs. Alguns eventos se encaixaram em mais de uma categoria

Aqui vemos claramente 15 alvos relacionados tanto a valores como a crenças de forte significado afetivo e emocional que impactam a identidade de João, com quem ele interage de forma sistêmica no “território” e na forma como vivencia níveis neurológicos. A mesma coisa podemos observar sobre a natureza dos alvos: rupturas e perdas significativas ou relacionadas a necessidade de manutenção do vínculo afetivo, reforçando seu “mapa” de “significados”.

EVENTOS MAIS ESPECIFICAMENTE RELACIONADOS À SUA VIDA E PADRÕES PSICODINÂMICOS

Para a realização deste estudo, fiz longas entrevistas com João, incluindo amigos próximos e familiares, para que pudesse captar as várias visões e interpretações.

João nasceu e se desenvolveu em meio ao sincretismo religioso. Seus bisavós de ambos os pais eram católicos tradicionais, mas as gerações sucessivas eram completamente abertos a outras crenças e filosofias religiosas. Sua avó, mãe e tia e um primo de segundo grau eram médiuns, embora fossem ocasionalmente a igreja católica para cultos. *Mais uma vez, o contexto com signos e símbolos favorecendo a identificação com aspectos interiores.*

Apesar de ter estudado por muitos anos num colégio de forte orientação católica, disse-me ter ficado bastante impressionado com vários eventos aparentemente paranormais experimentados por pessoas de sua família, o que o levou a se questionar, bem jovem ainda, sobre a natureza destes eventos. Ele acredita que a complexidade destas experiências associadas a outros fatores de sua vida pessoal relatados a seguir contribuiu bastante para compor sua vocação para estudar a mente humana.

Vários eventos na dinâmica familiar de João fizeram com que ele se afastasse emocionalmente de seu pai e se aproximasse de sua mãe que aparentemente tendia a protegê-lo. A partir do período em que João tinha quinze anos, a filosofia espírita, umbandista e do candomblé ocuparam o centro da atenção de sua mãe, que sempre dividia e discutia tais assuntos e interpretações do mundo com base nelas. Apesar de ter muitas reservas em relação às crenças de sua mãe, gostava de ouvi-la e de conversar com ela sobre isso. Ele acredita que ela também teve várias supostas experiências parapsicológicas.

Outra característica de seu desenvolvimento que parece ter importância especial na nossa análise é o fato de João ter crescido predominantemente solitário, com poucos conhecidos e raros amigos. Não correspondia ao estereótipo de “adolescente popular”. Sentia-se “diferente, inferior, aquém” de seus amigos masculinos. Era tímido, introvertido, fugia dos esportes e se refugiava em áreas intelectuais variadas (incluindo pesquisa psíquica, psicologia, “mentalismo” etc.). Seu aprofundamento intelectual precoce o fez, finalmente, centro das atenções e deu-lhe alguma popularidade. Só que o seu bem - estar aparente era na verdade uma grande armadilha. Ele disfarçou e camuflou suas dores e seus sofrimentos, construindo como diriam muito bem os Junguianos uma “*Persona*”, do Latin “Máscara” - um personagem - que, ao invés de resolver suas questões desafiadoras, reprimiu-as, pois pela primeira vez em muito tempo estava tendo a oportunidade de ganhar prazer imediato. Esse mecanismo compensatório parece ter sido estruturado por conta de já ter desenvolvido crenças limitantes e restritivas sobre sua identidade.

Neste período, que começou aos 14 anos, ocorreram as primeiras possíveis experiências que poderiam ter envolvido psi. Desde o início, como salientamos, as experiências envolveram coisas, pessoas e situações diretamente relacionadas às suas necessidades e às questões de grande significado. Nesta fase inicial, as primeiras experiências funcionaram como um mecanismo de reforço para o TOTS, que envolvia sua dedicação de explorar esse e outros campos de estudo complementares.

Após um longo período de indecisão sobre qual seria a melhor maneira de conciliar uma carreira profissional com seus interesses intelectuais, João decidiu-se por psicologia clínica. Atualmente, analisando sua escolha, independente do interesse, havia uma forte necessidade inconsciente de resolver seus próprios problemas. Embora na adolescência tivesse pouca consciência dos mesmos, na medida em que os anos foram passando, passou a analisar-se freqüentemente e a cobrar-se um maior entendimento e soluções para as dores e sofrimentos que ocasionalmente eclodiam em sua vida. Cada vez mais se abria um abismo entre o brilhantismo intelectual que arrastava e comovia pessoas e o comportamento afetivo, físico, sexual, cada vez mais distante da média e de natureza codependente. Predominava uma extensa imaturidade emocional, muito bem camuflada e escondida pela exuberância intelectual.

Aos dezoito anos, o choque entre sua necessidade de se auto - explorar e de se esconder em sua “máscara” resultou num estado sem recursos nominalizado por muitos como “depressão” com consideráveis repercussões psicossomáticas (o corpo foi simbolizado como receptor de suas vivências interiores): Abatimento, fadiga, leve apatia, labilidade emocional, problemas gástrico - intestinais claramente coincidentes com distúrbios afetivos e emocionais.

Com a autorização e presença de João, fiz uma entrevista com seu psicoterapeuta de orientação humanista - existencial. Quando mencionei as intenções de minha investigação, ele disse que se lembrava, para alguém que tendia a ser bem cético em relação à “paranormalidade”, de alguns eventos que o deixaram bastante intrigado, alguns envolvendo detalhes da vida pessoal dele, mais ou menos como descrevi nos casos de transferência (Frida, Janaina, Wanda) e psi. Analisando todos os relatos, opinou que, fosse o que fosse, pareciam estar relacionados de alguma forma à sua forte ansiedade, que o acompanhava desde a infância.

João tinha uma grande ansiedade em relação ao seu presente e ao seu futuro. O medo de sofrer e de se separar tanto dos ideais por detrás dos quais se escondia quanto daquelas pessoas que eram muito importantes para ele, fazia com que desejasse controlar e antecipar situações vindouras, mesmo sem qualquer possível participação de psi. Seus sentimentos de inferioridade o motivavam, inconscientemente, a *perseguir objetivos seguros* (Metamodelo busca da segurança), pela necessidade de manter emoções e metas sob intenso controle. Este quadro, nominalizado por psicólogos tradicionais como neurose de ansiedade depressiva, esteve bastante intenso por mais ou menos um ano e meio, quando então os relatos mais impressionantes foram registrados. *Quase sempre os eventos relacionavam a possibilidade de perder ou ameaçar seu vínculo com pessoas e situações que eram significadas por ele como provedoras de seu equilíbrio(ecologia) interno.*

O terapeuta me relatou que, uma vez tendo conseguido trabalhar tudo isso que descrevi ao longo de quase sete anos, seu nível de ansiedade caiu consideravelmente, pois conseguiu integrar à sua “máscara” todos aqueles elementos reprimidos. Foi um processo muito sofrido, que permitiu com que ele pudesse ficar em paz com seus mitos infantis, passando a fazer melhores escolhas com base na realidade. Sua auto - estima desenvolveu-se consideravelmente assim como sua maturidade emocional. *Terapeutas que trabalham com PNL alegam poder trabalhar todos esses fatores de forma ainda mais rápida, menos sofrida e ecológica.*

PROVÁVEIS EVENTOS PARAPSIOLÓGICOS DE JOÃO EM UMA SITUAÇÃO DE CRISE AFETIVA E EMOCIONAL.

Quando comecei a fazer o esboço do manuscrito que resultou em um artigo publicado pela *Society for Psychical Research* em 1995, sobre o “Caso João”, o até então “estável” sujeito sofreu inesperadamente uma forte crise emocional. Seu melhor amigo, Sandro, com quem ele se identificava bastante, e com quem trocava confidências íntimas foi acometido por um raro câncer. Nesta época João estava bastante consciente do processo pelo qual passava, e fez um relatório, o qual reproduzo abaixo:

“Eu li cuidadosamente o esboço inicial do trabalho escrito pelo Dr. André sobre a minha pessoa, e as aparentes relações entre fenômenos psi e minha dinâmica psicológica. Penso que para que vocês da área da parapsicologia, psicologia e pesquisa psíquica, seria bastante proveitoso que eu mesmo pudesse descrever os eventos ocorridos no período de um mês assim como o que acontecia dentro de mim para que todos possam ter acesso a uma visão bastante pessoal de meu processo .

Sempre tive muita dificuldade em fazer amizades na infância e adolescência. Hoje, ainda sou bastante tímido. Na medida em que pude trabalhar terapêuticamente esta questão, os primeiros amigos foram surgindo. Entre eles Sandro, que veio a se tornar aquilo o que muitos definem como “melhor amigo”.

Sandro era cinco anos mais velho que eu. Fomos apresentados por um conhecido que tínhamos em comum, e, nos primeiros contatos, nossos fortes laços de amizade se fizeram presentes. Sempre lamentei na adolescência não ter um irmão mais velho. De alguma forma, ele se tornou esse irmão para mim”.

Aqui vemos como João significou Sandro como sendo alguém de extrema importância para sua vida e identidade. Mais adiante, ele continua:

“Havia muito em comum: Éramos dois solitários, gostávamos dos mesmos assuntos, freqüentávamos os mesmos lugares e éramos tímidos, sendo que ele era mais extrovertido que eu. Por cinco anos saímos juntos, bebemos juntos, discutimos por horas a fio sobre como víamos o mundo, as pessoas e aproximamos nossas famílias.. Mas a vida reservaria á meu amigo uma ingrata surpresa: depois de sofrer uma crise de saúde, descobriu que tinha uma espécie rara de câncer, o qual me esquivo de mencionar para que a verdadeira identidade dele fique preservada, pois foi algo raro e marcante. Ele foi hospitalizado e teve seus pulmões fortemente comprometidos, ficando “entre a vida e a morte” por mais ou menos uma semana.

Minha primeira reação foi uma clara “defesa”: anestesia. Passei a tratar e a lidar com a situação da forma mais racional que pude, mas, passados alguns poucos dias, meus fortes sentimentos e emoções afloraram, e fiquei bastante triste e depressivo”.

A doença de Sandro destruiu o TOTS onde o amigo funcionava como um suporte onde João buscava equilíbrio e afetividade, deixando-o num estado sem recursos, nominalizado por muitos como “depressão”. Ele prossegue:

“Sentia-me impotente, na medida em que entendia que sua doença era incurável, e sua morte certa - e breve. Fui concluindo, após o desenrolar desta triste situação que, independente do carinho e da amizade, Sandro tinha um “papel” muito forte na minha vida. Inconscientemente transferia para ele uma “responsabilidade” de “me fazer bem”. Mas naquele momento, sentia apenas

que algo muito importante estava sendo arrancado de minha vida, e isso era o suficiente para que me sentisse muito mal”.

A crise coincidiu com um período em que, por força da grave crise e de uma viagem de trabalho, os amigos ficaram separados por uma semana. Foi quando os primeiros supostos fenômenos psi relacionados com este quadro começaram a acontecer.

Evento 1

Voltando de viagem, ainda sem ter tido a chance de ver seu amigo, João aceitou meu convite para assistir a uma palestra na Universidade Estácio de Sá no Rio de Janeiro. Como João chegou cedo, estava na primeira fila para uma palestra que se iniciara às 8 horas daquela manhã. Às 8 horas e 45 minutos, percebi que algo “anormal” acontecia com ele, pois pareceu se ausentar abruptamente, fez cara de assustado, arregalou seus olhos e ficou me olhando como se quisesse dizer algo. Percebi, e fiz um rapidíssimo sinal para que ele escrevesse, fosse o que fosse. No intervalo ele veio me procurar. Passemos ao seu relato:

“Eu seguia com bastante interesse a palestra do Dr. André, quando, inesperadamente, tive uma taquicardia, e minha mente foi como que “invadida” por uma estranha imagem: vi meu amigo com uma de suas cinco irmãs (que eu só havia visto duas vezes). Eles estavam juntos e pareciam assustados, parecendo tentar escapar de algo perigoso. A coisa toda parecia sem sentido, mas no meu íntimo eu tinha certeza de que significava alguma coisa”.

Como estava com a tarde livre, ofereci-me para acompanhá-lo até o hospital onde seu amigo estava internado. Tão logo Sandro o cumprimentou e disse “já que vocês são psicólogos, quero contar um sonho estranho que tive antes de acordar”.

No sonho, Sandro andava por uma assustadora rua escura com sua irmã, a mesma “vista” por João. Inesperadamente, um perigoso grupo de pessoas surgiu, e eles perceberam que precisavam fugir rapidamente para salvar suas vidas. É importante salientar que este havia sido o primeiro contato (não se falaram nem por telefone) após uma semana.

João escreve:

“Aquele foi o início de um martírio, no qual minha sensibilidade estava bastante aflorada. Parecia que eu era um radar. Houve inúmeros momentos naquele período em que me senti “ligado” em Sandro. As vezes em que tive coragem o suficiente para verificar, resultaram em alguns dos episódios aqui relatados”.

Quero chamar atenção para algo complexo que comeci a observar. João sentia-se ameaçado com a futura morte do seu amigo, e confiava em mim para

desabafar seu sofrimento e suas experiências parapsicológicas. Eu deixei - o bastante à vontade para me procurar, porque ele estava emocionalmente instável, ansioso, regressivo, e confuso. Queria discutir comigo até que ponto certas “experiências” eram puramente psicológicas ou poderiam conter alguma coisa a mais.

Evento 2

Oito dias depois da experiência do sonho, marquei uma entrevista com João em meu consultório para discutir aquela que foi a primeira versão do trabalho sobre suas aparentes experiências parapsicológicas publicado pela *Society for Psychical Research* em 1995. Observava que ele estava num estado sem recursos e abatido. O estado de saúde de Sandro piorava, mas João se esforçava, ainda sem muito sucesso, para se recuperar de seu próprio baque emocional, aumentando suas sessões de terapia e conversas comigo.

Terminando a entrevista, descemos do prédio onde o escritório se situava, e, no caminho, encontramos coincidentemente um dos cunhados de Sandro, a quem fomos apresentados uma semana antes no hospital. Eles se cumprimentaram e começaram a falar sobre Sandro. Transcorridos uns poucos minutos, João parou de falar. Vamos ao seu próprio relato:

“Primeiro, me senti distante dos que estavam à minha volta e da conversa que estávamos tendo. Olhei então para Roberto e “vi” um casal negro de idade, parecendo com “pretos - velhos” da umbanda (Sistema Representacional Visual Interno). Em seguida o vi usando uma roupa de umbanda branca e um colar na forma de uma grossa corrente, de prata, que se relacionavam com os senhores negros. num ‘flash’ passei a ver uma mulher de meia idade, baixa, usando cabelos, óculos e roupas brancos”.

Roberto estava boquiaberto com João. Pedi-lhe explicações, quando ele me disse que ninguém, exceto sua esposa sabia que ele era umbandista e que, segundo fora informado, os “espíritos” que o protegiam, seus guias, eram um casal de pretos - velhos. Roberto participava de um ritual para cultuá-los que exigia que ele se vestisse de branco e usasse um cordão de prata na forma de uma corrente. Quanto à senhora, a descrição combinava minuciosamente com a da mãe dele, que era médium, e entre todos os detalhes correspondentes, usava um óculos da mesma cor.

Evento 3

João estava bastante impressionado com sua sensibilidade crescente, assim como eu. Dei-lhe autorização para que me telefonasse quando sentisse alguma coisa que julgasse ‘paranormal’. E o próximo incidente ocorreu na, madrugada seguinte. Em torno das 03 horas e 45 minutos da madrugada, João me telefonou

em completa fragilidade emocional. Ele chorava e parecia bastante assustado. Vamos ao seu relato:

“Eu estava dormindo na casa da minha namorada, junto com ela... algo aconteceu, quando dei por mim, estava chorando e gritando, chamando pelo nome de Sandro. Minha namorada me disse que provavelmente havia tido um pesadelo, mas algo dentro de mim dizia que era mais do que isso!”.

Perguntei se ele havia tido notícias de Sandro desde a última vez em que nos falamos, e ele disse que não. Então, liguei para o hospital para saber notícias do rapaz, quando o plantonista, desconfiado, perguntou como eu soubera que o rapaz estava em grave crise, se ninguém da família ou amigos ainda havia sido avisado. Havia começado as três da madrugada.

Fazer amigos sempre foi difícil para João e Sandro havia suprido e demanda de se tornar amigo e confidente. de uma forma bastante imatura, onde João mantinha seu círculo fantasioso de, por crer-se limitado e restrito, em nível inconsciente, projetar (mecanismo de defesa psicológico) continuamente para “outros” a responsabilidade de seu bem estar. O frágil relacionamento com seu pai com a percepção infantil e futura crença de que ficara prejudicado por isso, o fez buscar mais tarde querer reaver essa “figura paterna” que cria ter de encontrar. Esta busca o fez projetar essa crença e pressuposta necessidade Sandro, que era mais velho e tinha mais experiência.

As relações entre seus relatos (fossem genuinamente paranormais ou não, não era importante) e seu quadro emocional foram amplamente discutidas por ele comigo e com seu terapeuta e produziram valiosos *insights* que, aliados à sua poderosa inteligência, aceleraram em muito o processo de maturidade emocional e uma modificação essencial no significado de sua amizade com Sandro. O habilidoso terapeuta ajudou a integrar os eventos com sua história pessoal. João pode lidar com o grave estado de saúde de seu amigo de forma madura, separando o sofrimento real que a situação lhe impunha de suas demandas oriundas de crenças que mantinha sobre sua identidade. Tais crenças haviam posto para funcionar um TOTS, processo esse nominalizado por psicólogos como “neurótico”. Sim, seu forte ego e sua capacidade de recuperação me impressionaram como psicólogo. Nesta fase, recuperou seu controle emocional e sua ansiedade praticamente desapareceu. Levando junto a abundância de experiências “paranormais” espontâneas que afloraram diante da ameaça resultante de um estado pobre de recursos.

DISCUSSÃO SOBRE O CASO “JOÃO”

O material apresentado neste ensaio sugere fortemente uma relação bem próxima entre os supostos fenômenos psi e a estrutura psicodinâmica de João. No que se refere à sua história de vida, observo elementos também presentes em outros casos:

1 - Eventos aparentemente “psi” ou paranormais envolveram largamente pessoas e situações estritamente ligados às suas necessidades psicológicas, suas carências emocionais e focos que foram significados, consciente e/ou inconscientemente como “importantes” ou “fundamentais” em sua vida. Tais objetos, pessoas e situações fizeram com que João estruturasse um TOTS e estabelecesse relações sistêmicas imaturas com os seus alvos em vários Níveis Neurológicos.

2 - Novamente tive a chance de observar aquilo o que já mencionei (de Carvalho & do Amaral, 1994) como “*Mecanismo de Defesa Psi*” (*Psi or Paranormal Defense Mechanism*): “*Este PDM trabalha como uma extensão dos mecanismos de defesa normais, onde uma diminuição da ansiedade é observada e estratégias para controla - lá são criadas*”.

João estava vivendo uma condição de estado de recursos empobrecidos pelas desestruturações de TOTS postos para funcionar com objetivo de reduzir a ansiedade (Mecanismos de Defesa) psicológica de desconforto e desequilíbrio. Suas crenças limitantes sobre sua identidade tornaram-no bastante ansioso sobre sua vida e futuro, desenvolvendo, ao longo dos anos, uma crença conseqüente de que a “solução” para seus problemas estava em pessoas e situações, e não nele próprio. Em sua fantasia inconsciente, quem sabe, estes “objetos de foco” teriam os valores que ele gostaria de ter, mas que não conseguia alcançar por si próprio, como no caso de seu vínculo com Sandro.

Muitas de suas experiências supostamente envolvendo psi, parecem ter sido procognições (antecipações de um futuro real o qual não teria meios ordinários de acessar), e em todos os casos por ele relatado, ficou bem claro o aparente *papel do evento absorvendo impactos emocionais futuros que poderiam desestruturá-lo psicologicamente.*

A análise cuidadosa dos padrões de conduta psicológica sugere claramente um quadro de estado pobre de recursos (PNL) ou neurose (Abordagem tradicional), onde de diversas formas estratégias para evitar e/ou reduzir o confronto com as questões emocionais mais delicadas são criadas. *A conseqüente e relatada possível atuação do “fator psi” neste quadro sugere que ele pôs para funcionar um TOTS, com objetivo de atender os pressupostos e crenças centrais de sua busca de atendimento daquilo o que considerava importante. Apesar de causar sofrimentos, os eventos possivelmente psi, na verdade, mantiveram a pressuposição essencial de seus valores, evitando assim conseqüências ainda mais nocivas ao organismo como, por exemplo, a psicose.* Em 1994 sugerimos na publicação em Londres do “Caso Cristina” a existência deste que pode ser um tipo específico de neurose, o qual Dra. Amaral e eu batizamos de “Neurose Psi”. Com a visão mais construtiva e otimista da PNL, permito-me reestruturar o termo para “*Estado de Recursos Psi (ERP)*”. Nessa perspectiva mais recente,

psi entraria hipoteticamente em cena como um recurso natural do inconsciente para criar algum estado de homeostase(ecologia) para o organismo.

3 – Finalmente, eu quero enfatizar o fato de que João, assim como muitos, interagiu com sistemas de crenças diversos - e estudos - abertos para a possibilidade do “paranormal” o que o torna uma pessoa com predisposição potencial para vivenciá-los. Em um artigo para o “*Journal of The Society for Psychical Research*” (de Carvalho, 1994) esbocei um ensaio onde apontava para as relações existentes entre o que chamei de Predisposição Socio - Psicológica (*Socio - Psychological Predisposition*) que é ter nascido e/ou vivido em contato com culturas que crêem no “paranormal” e os eventos experimentados por sujeitos.

Outro fator que devemos dar importância foi primeiro, a emergência de eventos psi e a sua brusca interrupção mediante fenômenos de elaboração psicológica. Na medida em que foi vivendo a crise, João começou a trabalhá-la, inclusive com ajuda psicológica profissional. Este “amadurecimento” ou “elaboração” o fez se dar conta de uma mitologia pessoal estruturada a partir de um estado sem recursos (neurótica) que o dispunha a desejar ter um tipo de relação com Sandro - e com outros - não ecológica. Os pressupostos desta mitologia parecem ter sido reforçados pelos eventos psi. Num momento psicológico seguinte, ele teve a chance de conhecer e de interferir no processo para torná-lo cada vez mais saudável. Na medida em que foi se sentindo capaz de lidar com suas dificuldades e sofrimentos, suas fantasias em relação ao futuro diminuíram, assim como a ansiedade e a necessidade de absorver “ameaças” futuras. Com isso, os eventos psi diminuíram.

Na fase de publicação do artigo pela SPR (de Carvalho, 1995), acompanhei uma pequena crise de ansiedade de menores proporções e significado, onde ele se sentiu ameaçado com a “instabilidade” de um relacionamento afetivo-sexual. Automaticamente, como tinha que se separar da pessoa amada por vários dias, devido a exigências profissionais, relatou-me vários possíveis eventos psi onde pressentia perigo junto à mesma. Os supostos eventos ocorreram através sonhos onde “via” detalhes que sugeriam que sua relação estava “por um fio”, o que de fato ocorreu. Sua maturidade emocional fez com que sentisse muito pouco sofrimento, apenas o normal, pois estava apaixonado e envolvido emocionalmente. Os eventos foram tão impressionantes quanto os aqui relatados, mas foram menos frequentes, pois havia desenvolvido uma nova disposição de enfrentar os desafios da vida.

No ano de 2004, quando marquei uma entrevista com ele para efeito de acompanhamento, a situação permanece a mesma. Os supostos fenômenos diminuíram consideravelmente. Recentemente, pressentiu o momento exato em que uma prima estava sofrendo um perigo de vida, o acidente automobilístico que um amigo havia sofrido na Europa, e no meio de uma conversa com uma amiga em seu carro, teve a forte intuição e compulsão, como ele descreveu, de

ir a um dos muitos locais que freqüentava dizendo para a mesma que sabia que iria presenciar algo importante: chegando lá, constatou que a pessoa que ele amava, a qual estava separado contra sua vontade, mas jurava estar só, estava explicitamente trocando carícias afetivas com outro rapaz. Nem ele nem sua “amada” costumavam freqüentar o local com periodicidade e muito menos no meio de uma semana normal, como aconteceu. Além disso, ela poderia ter ido a muitos outros lugares, o que seria muito mais provável. João nem estava vestido adequadamente para o rigor exigido para o lugar, mas convenceu os recepcionistas a deixarem que ele e sua amiga entrassem com a desculpa de procurar uma pessoa.

Num outro episódio, João dirigia numa auto-estrada e teve a súbita intuição de mudar de pista. Logo em seguida, o carro que acabara de ocupar sua posição foi atingido por outro que havia se desgovernado vindo da pista contrária. Não fosse a intuição, ele teria sofrido um acidente. Tive ainda a oportunidade de testemunhar outro evento no ano de 2002. Estávamos numa reunião social na cidade de Niterói, quando uma amiga dele despediu-se, pois já era hora de voltar para sua casa no Rio. Outra amiga que estava presente ofereceu-se para dar carona, e convidou João para acompanhá-la. João, sem ter nada o que fazer, de muito bom grado, aceitou. No entanto, minutos depois, ele me chamou e disse que estava sentindo uma forte impressão que o compelia a não ir. Eu disse que iria em seu lugar, e ele disse que eu não deveria ir. Uma hora depois, soubemos que, depois de deixar a amiga em casa, a moça que estava dando carona sofreu um acidente de carro. Um outro carro avançou o sinal, atingindo a lateral no lado do “carona”, Com absoluta certeza, quem quer que estivesse naquele banco, na melhor das hipóteses, sairia gravemente ferido.

A diferença é que agora os menos freqüentes exemplos de supostos fenômenos psi espontâneos estão ligados a ameaças concretas a sua integridade física e emocional, e não a motivos neuróticos ou estados sem recursos por conta de um TOTS desestruturado ainda “lutando” para atender a valores, regras e crenças consideradas essenciais para o equilíbrio da identidade.

IV - DISCUSSÃO GERAL SOBRE OS ESTUDOS DE CASO

Há uma extensa literatura em Parapsicologia sobre a possibilidade de ocorrência de fenômenos psi envolvendo a relação psicoterápica e aspectos psicodinâmicos. Um grande estudioso deste assunto é sem dúvida Ehrewald (1952).

Um pesquisador de nome Tornatore (1977) recebeu respostas de mais de 600 questionários enviados a psiquiatras. Entre aqueles que admitiam a possibilidade da ocorrência de fenômenos psi entre eles e seus clientes relacionaram os mesmos aos períodos de intensa transferência. Ademais, 79% deles afirmavam acreditar que tais fenômenos possam ocorrer.

Mintz (1983) descreveu aquilo o que poderia ser o gerenciamento uma vez tendo ocorrido em ambiente terapêutico e Ullman (1979) descreveu sua ocorrência em sonhos.

Na concepção de Ehrewald (1977), Clientes de psicoterapia parecem sempre confirmar, com seus relatos, sonhos e comportamentos, as doutrinas sobre as quais seus terapeutas acreditam. Clientes de terapeutas que seguem a Psicanálise Freudiana, freqüentemente relatam sonhos abundantes em símbolos fálicos, complexo de Édipo e castração etc. ao passo que clientes de Junguianos relatam sonhos repletos de mitos e arquétipos. Seguindo esta linha de pensamento, clientes de terapeutas que acreditam em psi poderiam ter sonhos, sensações e comportamentos onde psi surgiria, e nada melhor do que "provocar" (inconscientemente) o terapeuta fornecendo detalhes que envolvam sua vida pessoal.

Se tais fenômenos forem verdadeiros, sua sinalização para o cliente seria fundamental, para que o mesmo pudesse perceber a extensão de sua transferência, pois é desta forma que cada terapeuta faz com que o cliente entenda as tendências e os padrões que existem dentro dele. A tomada de consciência é o único caminho que poderá abrir a perspectiva para um repensar e para um redirecionamento da vida dos pacientes como um todo.

Acredito que a sinalização deva ocorrer independente do terapeuta ter ou não a certeza de que tais fenômenos são autênticos, onde o foco deve permanecer na questão e na dinâmica transferencial, que é o que interessa para seu crescimento.

Na visão da PNL, a transferência poderia ser perfeitamente entendida dentro de uma crença limitante e restritiva sobre as possibilidades da identidade dos sujeitos, e conseqüência satisfaça de valores considerados essenciais através de interações sistêmicas de codependência com outros – nesse caso, a projeção é estendida para a pessoa do terapeuta.

Os casos que relatei não constituem uma evidência científica de que há de fato fenômenos parapsicológicos ocorrendo entre clientes e terapeutas ou em demais situações onde ocorrem transferências e projeções psicológicas. Tal como foram assinalados por outros colegas, os "supostos" fenômenos que venho observando, como os exemplificados no presente artigo parecem estar bastante relacionados com a estrutura psicológica daqueles que os experimentam, desempenhando um papel fundamental em suas vidas. *Embora relacionados a algumas complicações psicológicas, penso que psi parece ser um elemento que tende a desempenhar uma função saudável no psiquismo das pessoas, um recurso inconsciente para provocar uma espécie de homeostase no "modo de segurança".*

Em todos os casos que analisei tal possibilidade de ocorrência, dada à crença de fragilidade sobre a estrutura de personalidade dos sujeitos, a ausência dos eventos psi que relatei (com significado para estruturar um TOTS congruente com o “mapa” que dispunham sobre si mesmos, onde necessitavam contemplar valores, regras e crenças apesar de significavam-se de forma limitante e restritiva), poderia fazer com que os sujeitos fossem levados ao agravamento de seus estados desprovidos de recursos, o que poderia converter-se no que muitos psicólogos nominalizam como quadro psicopatológico.

Porque estas pessoas parecem ter experimentado fenômenos parapsicológicos? Para mim a resposta está no cuidadoso estudo dos próprios sujeitos. Alguns elementos parecem estar presentes nos casos em que pude estudar:

1 – O desenvolvimento de um sistema de crenças limitantes e restritivas sobre suas identidades e conseqüente crença de que as soluções e respostas para seus problemas estavam em coisas, pessoas e situações “externas”.

2 – Apesar da condição descrita no item anterior, os sujeitos estavam comprometidos com crenças, valores e regras significativos, que, por conta das crenças limitantes sobre suas identidades, eram significadas como podendo ser atendidas ou preenchidas através de coisas, pessoas e situações externas.

3 – O Sistema de crenças (religioso, cultural) dá suporte e provê metáforas e simbolismos que servem de referências ou mesmos modelos para que os sujeitos possam buscar ressonância entre os mesmos e questões pessoais. Especialmente no que tange a possibilidade de dar significado e justificar ação sobre eventos e questões complexas significadas como “frágeis” ou “problemáticas”.

4 – Os sistemas de crença apoiavam a crença no “sobrenatural”, no “paranormal”, onde eventos não esperados que transcendem a esfera e as competências humanas podem interferir em nossa realidade ordinária com propósitos diversos. Algumas de suas personificações mais conhecidas são: Deus, demônio, santos, espíritos, Espírito Santo, entidades, divindades, forças da natureza, arquétipos e assim por diante.

A crença no impedimento de encarar adversidades transferindo a possibilidade de resolução para fatores externos teria origem na frágil e imatura percepção sobre suas personalidades que possuíam até então e precisavam de uma estratégia que impedisse um colapso ou crise psicológica. A crença em intervenções místicas e religiosas parece dar significado as dissociações e a ocorrência de supostos fenômenos psi espontâneos parecem dar um senso de “veracidade” ao TOTS construído para contemplar e dar conta da situação.

5 - De acordo com o pensamento de Ehrewald, meus clientes, sabendo de forma consciente ou inconsciente de minhas inclinações ao estudo da parapsicologia,

poderiam ter produzido tais fenômenos para se aproximarem cada vez de mim e/ou obter minha aprovação, como mais uma forma de transferência.

4 – Todas as pessoas estavam envolvidas de alguma forma em práticas e meios que induzem a estados alterados de consciência (trances religiosos, auto-hipnose e meditação). A pesquisa experimental tem demonstrado relação significativa entre esses estados e resultados significativos sugestivos da existência de psi na pesquisa experimental. Na PNL, estados de transe são vistos como meios para acessar recursos inconscientes. Portanto, *poderia psi ser um recurso inconsciente disparado para o reequilibrar a ecologia interna?*

V - REVISITANDO O “SISTEMA DE FATORES INTEGRADOS”

Com base em muitas observações e relatos, como os publicados nos anos de 1990 no JSPR, comecei aos poucos a esboçar uma hipótese de trabalho onde procurei relacionar os três fatores que sempre estavam presentes nos casos em que pude estudar. Em meio às questões psicológicas ordinárias, aparentes fenômenos parapsicológicos foram observados.

Fator I - Contexto sócio - cultural no qual o sujeito está inserido

Todos os sujeitos de meu estudo estavam de alguma forma em contato com um sistema social e cultural cujas premissas, de alguma forma, apoiavam a crença na ocorrência do que parapsicólogos poderiam chamar de “psi”. Em última análise, a maioria das culturas existentes acredita em uma forma ou de outra na eventual “intervenção” de forças sobrenaturais em nossa realidade ordinária. Seria por isso que quase todas as culturas forneceram ao longo de sua história vários relatos de eventos que poderiam ter envolvido psi? O caso do Brasil é especial, pois um mesmo indivíduo se vê exposto a muitos sistemas de crença abertos ao “paranormal”, cujas práticas incluem rituais que poderiam induzir estados alterados de consciência, outro aparente facilitador de diversos recursos internos, que também poderiam incluir experiências psi.

Fator II - História pessoal

A história pessoal parece ser de fundamental importância para “criar referências” que vão moldando gradativamente as características e inclinações do sujeito. Lembrem-se: Cristina foi superprotegida pelo pai (Carvalho 1992). Esse foi um dos fatores que criou uma fantasia onde precisava controlar e monitorar aqueles que eram importantes para ela (filhos, marido, família, amigos) evitando assim sofrimento os quais não podia suportar.

Pedro fora excessivamente cobrado e recriminado em sua infância e, em decorrência disso, desenvolveu um forte complexo de inferioridade que o levou a fantasiar que a “solução” para seus problemas estava em buscar pessoas

“fantásticas” que o protegeriam e cuja interação ajudaria a resolver seus problemas (seus namorados, seu terapeuta). Precisava ter a sensação de que estas pessoas estariam com ele, e seus eventos “psi” aconteciam mediante a possibilidade de perdê-las.

Frida sentia-se fortemente transferida por mim, porque eu era visto, dada a transferência, como um dos poucos com o qual ela conseguia manter sua projeção que era uma mescla da busca de amizade, intimidade e desejo de realizar - se sexualmente, tem clara origem em sua história pessoal e desenvolvimento. O mesmo ocorre com os demais casos relatados aqui e nos estudos de caso que já publiquei (Carvalho 1992, 1994, 1995 entre outros). A história pessoal desenvolveu um padrão psicológico de importância fundamental para os fenômenos que iriam ocorrer com seus sujeitos.

Do ponto de vista da PNL, temos nesse nível a significação do tempo e da história pessoal, o *imprinting* e a modelagem, além da estruturação de crenças, valores, regras e significados pessoais. Aqui temos todo o desenvolvimento e estruturação de padrões fundamentais como Sistemas Representacionais preferidos (VAKOG interno e externo), metamodelos, desenvolvimento de mecanismos estruturais de omissão, distorção e deleção entre muitos outros, que vão caracterizar a pessoa, além dos Níveis Neurológicos de identidade, capacidade e comportamento.

Do ponto de vista da PNL, podemos dizer que o “Fator I” envolve o “território”, que vai ser filtrado pela percepção e significados de cada um para formar o “mapa” (Fator 2) com suas crenças, valores, regras e metáforas “transpessoais”, (que vão além da esfera pessoal), com os quais os sujeitos podem se identificar em maior ou menor grau. Aqui também está a formação de crenças sobre as possibilidades de interação da identidade no “ambiente / contexto” (Nível Neurológico) e os sistemas com os quais os mesmos interagem.

Fator III - Estrutura da personalidade dos sujeitos, com crenças que favoreceriam a ocorrência de psi.

A partir do momento em que nascemos, vamos interagindo com o mundo e tendo experiências *prazerosas e desprazerosas*. Com base nessas experiências, principalmente se nossa exposição a eventos semelhantes tem o mesmo significado, vai se formando na mente códigos de referência que chamei de *padrões indutores*, pois formam um vínculo em nossas mentes pelo qual tenderemos a interpretar os eventos que iremos experimentar no futuro. Do ponto de vista da PNL, seria uma “estratégia”, que não é a mais ecológica, mas é a “escolha possível” naquele momento diante dos recursos disponíveis. A “escolha” da estratégia é facilitada também pelo fenômeno “modelagem”. Podemos modelar inconscientemente padrões psicológicos e comportamentais diversos de outras pessoas, incorporando-os em nossa estrutura psicológica. Os sujeitos aqui estudados parecem ter incorporado padrões ou modelos tanto de

estados sem recursos quanto sociais e culturais (crenças, hábitos, atitudes e práticas religiosas coerentes com o meio sócio-cultural no qual estavam inseridos) disponíveis em sua família e cultura.

Os três fatores juntos provocariam uma “reação química” que favoreceria ocorrências psi espontâneas.

O *fator I* seria muito importante para a construção do significado e do TOTS, pois uma cultura que “ampara” e “dá as boas vindas” a pessoas que manifestam possíveis eventos psi facilitaria a interação entre os envolvidos, assim como ajuda na predisposição para a vivência de tais eventos. Em muitos ambientes místicos e religiosos, “premonições”, “telepatias” e “curas” são vistos não como “fenômenos psi”, mas como ocorrências bastante possíveis que são, aliás, muito bem - vindas, pois tende a retro alimentar o TOTS cultural, funcionando quase como uma “confirmação” e “motivo” para que o mesmo se perpetue. TOTS sobre TOTS, pessoais, familiares, culturais. *Uma grande rede de interações sistêmicas maior que a “soma dos TOTS e sistemas menores” acontece.*

É possível encontrar muitas pessoas que sejam, por exemplo, católicas, mas que eventualmente vão a reuniões espíritas, consultam o mapa astral, praticam meditação, visitam mensalmente cultos de filosofia oriental e façam cursinhos de “parapsicologia”. Estas pessoas expõem-se a vários sistemas de crença abertos ao “paranormal”. Tais indivíduos estariam potencialmente predispostos a experimentar fenômenos psi.

Apresentarei uma equação que penso ajudar a compreender a dinâmica que ocorre entre fenômenos psicológicos ordinários e fenômenos parapsicológicos:

$$\underline{\underline{FATOR I + FATOR II = FATOR III}}$$

Esta idéia da forte influência de mitos e crenças não é original, tendo sido colocada de diferentes formas por diferentes estudiosos. Entre eles destaco Carl Gustav Jung que propôs a existência de “arquétipos” e do “Inconsciente coletivo”.

O uso dos mecanismos defensivos psicológicos normais amparados por crenças religiosas e filosóficas (a crença nos espíritos-guias) parece contribuir para que os clientes consigam lidar com suas demandas. No entanto, essa estratégia não é suficiente para evitar alguns confrontos, que poderiam provocar uma desestruturação psicológica, e até mesmo de seu organismo, uma vez que é dada a muitos eventos psicossomáticos.

O caso “Cristina” foi o primeiro que, timidamente sugeriu a possibilidade de supostos fenômenos de percepção extra -sensoriais (autênticos) poderiam emergir nesta dinâmica psicológica dando aos sujeitos nela envolvidos um retorno para a auto-sustentação de suas crenças pessoais e religiosas.

Suas experiências parecem diminuir sua ansiedade e “amortecer” o impacto de eventos que talvez até fossem para ela devastadores se não estivesse de alguma forma já “esperando” por eles. Uma espécie de *TOTS psi*.

Cristina, por exemplo, parece apresentar dois fatores que foram associados experimentalmente á supostos fenômenos parapsicológicos:

1 - Pesquisas experimentais mostram evidências de que estados alterados da consciência (hipnose, sono e sonhos, relaxamento, transe iogues e religiosos) estão associados a aumento de resultado em processos de testagem. Apesar de nunca ter feito medidas eletro fisiológicas de Cristina em transe, atrevo-me a sugerir que, até onde pude observar, seus transe pareciam um evento de consciência alterada verdadeiro com mudanças no ritmo respiratório, movimentos rápidos dos olhos, mudança na tonalidade da pele, dilatação do lábio inferior entre outros, características descritas e identificadas por praticantes da PNL.

2 - Há também significativa evidência experimental onde indivíduos que acreditam em “paranormalidade” são exatamente aqueles com as melhores performances. Aqueles que não acreditam têm as piores performances (às vezes muito piores do esperado pela estatística).

No Brasil, com toda a influência do sincretismo religioso, “crença na paranormalidade” pode ser traduzida para “crença em espíritos, crença no sobrenatural”. Arrisco-me a dizer que há muito mais crença de que “espíritos e entidades sobrenaturais” possam ajudar-nos a prever o futuro e a obter informações as quais não temos acesso, do que a crença em “poderes mentais” que é mais popular nos Estados Unidos, Europa, entre outras culturas. O segundo grupo ainda precisa de crenças mais favoráveis sobre a identidade, pois resultados são significados como possíveis produtos da mesma, ao passo que no primeiro grupo, resultados são dissociados da identidade e projetados em agentes e causas externas.

Um pesquisador americano chamado Rex Stanford desenvolveu um modelo de trabalho para explicar relações entre aparentes fenômenos parapsicológicos e a estrutura psicológica de quem os experimenta. Ele escreveu: *“Através de psi, o organismo é capaz de responder à circunstâncias em seu ambiente as quais não possui conhecimento sensorial...estas respostas mediadas por psi que o organismo produz, tende a servir às necessidades ou refletir as inclinações do mesmo”*.

Mais adiante, ele continua: “...a força da tendência de produzir respostas mediadas por psi está diretamente e positivamente relacionada à centralidade e força:

- a - Da(s) necessidade(s) ou disposição (ões) que tem relevância as informações acessadas por psi
- b - Ao grau de relevância do objeto-alvo das necessidades do organismo, e;
- c- À proximidade no tempo do buscador com o objeto-alvo relevante às suas necessidades”.

VI - A PROGRAMAÇÃO NEUROLINGÜÍSTICA CONTRIBUINDO PARA AMPLIAR A COMPREENSÃO SOBRE O “SISTEMA DE FATORES INTEGRADOS”

Na época que o presente modelo foi elaborado pela primeira vez, o aprofundamento do Caso Cristina mostrou rapidamente que todo o quadro defensivo e de imaturidade apontava para uma neurose de angústia ou de ansiedade com elementos de conversão física de aspectos emocionais. No entanto, tanto os mecanismos defensivos quanto a Neurose no todo não eram exatamente “normais” devido ao importante papel que o suposto fator “paranormal” desempenhava. Neste momento, propusemos os termos “mecanismo de defesa - psi” e “psi-neurose” para caracterizar esta situação.

Contudo, com as contribuições da Programação Neurolinguística, todo o processo parece ganhar ainda mais compreensão. Considerando os níveis neurológicos, por exemplo, Cristina havia aprendido a utilizar estratégias diversas para validar um suposto significado para a sua identidade. Ela acreditava necessitar ter controle sobre pessoas, eventos e situações para poder se sentir segura e cumpridora de seu papel (*role*) como mãe, esposa e membro de uma família. Essa crença sobre sua identidade afeta diretamente o universo de suas capacidades e comportamentos. Na cultura social, Cristina vai buscar práticas místicas e religiosas que são coerentes com o significado que construiu em relação a sua identidade, aperfeiçoando-se e movendo-se para retroalimentá-lo. Evidentemente, sua interação com seu ambiente vinha carregada dessas demandas.

Cristina pressupunha a existência de um mundo místico e espiritual que poderia ser acessado para dar sentido aos desafios de sua vida. Ela “aprendeu” a crer que precisava ser cuidada e protegida, transferindo todos os recursos para seu universo metafórico, estruturando em nível inconsciente para isso um sistema TOTS para vivenciar sua dinâmica e convencer-se sobre a sua suposta “veracidade”.

Esse significado místico-religioso e a suposta necessidade de buscá-lo para a “resolução” de problemas era um *modelo rico em estratégias e âncoras permeando os níveis neurológicos* já presente na cultura familiar, uma vez que outros familiares como sua mãe e avó também pareciam utilizá-lo. Vale salientar que a cultura espírita induz à estados de transe com ênfase em “incorporações” de “espíritos”, que não deixa de ser uma complexa “técnica” de indução hipnótica repleta de muitos elementos presentes no Modelo Milton.

Além disso, sua mãe e sua avó também manifestavam estratégias sinestésicas para a simbolização das percepções não convencionais. O componente de conversão física de vivências emocionais em sua psicodinâmica pode ter funcionado como base para uma estratégia sinestésica de possíveis vivências psi.

“Guias Espirituais” poderiam ser compreendidos também como “partes” em PNL. Para Tad James, *“Partes são parte do inconsciente com uma proposta/intenção e uma função/comportamento”. “São funcionalmente destacadas”, “sempre representam personalidades menores – pessoas significativas (modeladas, imprinted)”, “algumas pensam estarem na gerência da manutenção do sistema” para “proteger (e continuar) um comportamento não integrado”* (James, 2004).

As “partes” representadas como “guias”, ajudam a estruturar o significado motivador que justifica a dinâmica da estratégia, criando um “estado” favorável para supostas ocorrências psi. “Crença em psi”, que favorece a ocorrência de supostos fenômenos psi pode ser traduzido na linguagem psicossociocultural como “crença em espíritos e suas capacidades”. Para um estudioso de PNL, poderia ser uma “Projeção Pseudo - Transpessoal” que organizaria um contexto imaginário metafórico que explicaria ou justificaria a dinâmica, que funciona até então de forma dissociada, pois existe a crença limitante sobre o significado da identidade, nível neurológico. Portanto, “Cristina não pode fazer”, mas “os espíritos podem”, e *isso passa a reger o que vai acontecer nos demais níveis neurológicos: capacidades, comportamentos e interação com o ambiente, que são significados e vivenciados de forma coerente com a cultura social e religiosa num intrigante processo sistêmico.*

No que tange ao Processo PCM (Possibilidade, Capacidade e Merecimento), o sistema de crenças em fatores e agentes que vão além da esfera pessoal pareceu contribuir para que Cristina não só fosse capaz de utilizar vários aspectos cognitivos e emocionais para dar sentido aos seus movimentos, como também pode ter contribuído para que seu inconsciente lançasse mão de psi para dar credibilidade a suposta evidência deste universo fantástico. Crenças limitantes ou não, influenciadas por fatores culturais e religiosos, ajudam a compor um senso de “merecimento”, tanto para a vivência da experiência como também para o sentido sobre a possibilidade de mudança, apesar da dissociação.

Nos vários casos apresentados neste estudo, há crença num nível de identidade limitante, imatura, dissociada e inconsciente que pressupõe algo como que “restrições” no nível da Estrutura Profunda. Essa “demanda” faz com que, conscientemente, na Estrutura Superficial, exista a percepção sobre a suposta necessidade de controle de coisas, pessoas e situações, como fundamental para a manutenção do que aprendeu como “homeostase” que, para a PNL, pode ser entendida como ecologia interna, onde os pensamentos, sentimentos, crenças e valores se encaixam garantindo uma manutenção e equilíbrio do sistema. Nos eventos que parecem ter envolvido psi, o TOTS limitado e com poucos recursos se mantém, escrevendo na neurologia repetidamente, como se fosse um condicionamento. Esses comportamentos reforçam o padrão regido por um significado limitante sobre a auto-imagem e o sentido de identidade.

Muitas vezes alguns padrões, “não saudáveis” são mantidos, reforçados e mesmo que exista uma tentativa da mudança não são quebrados. Com recursos da PNL, temos muitas possibilidades de ver o sistema como um organismo vivo, cheio de “partes” e intenções. Ouvir, atender, honrar cada parte para que o sistema funcione de forma mais saudável é o que a PNL promove com seu olhar amplo e principalmente, personalizado.

No que tange a transferência para com o terapeuta, a parte inconsciente, responsável pelo fenômeno psi, parece estar buscando um elo ou aliança mais íntima com o mesmo, o que poderíamos chamar de “*rapport psi*”, tornando todo o processo de quebra da psicodinâmica que inicia o conseqüentemente amadurecimento do sujeito possível.

No “Evento 1”, Cristina parece ter usado uma de suas “partes”, a “cigana”, detentora de habilidade como a percepção e a sagacidade, cujo significado simbólico e metafórico na cultura religiosa contribui para que seja “significada” como “capaz” de agir no referido contexto.

A entrada em processos de transe, tem motivações de significado religioso as quais já trazem embutidas em seu significado implícito *Generalizações, Omissões e Distorções* que “atemporalmente comandam” o que “deve ser feito” (significado, mapa) sendo que, muitas “âncoras” encontram-se instaladas e sobrepostas neste processo. Inclusive para a entrada em transe.

No “Evento 2”, novamente, a escolha inconsciente da parte “criança” é coerente com o significado e contexto onde a crença no controle sobre os “filhos” se justifica e se expressa. No “Evento 4”, a crença na necessidade de controle de coisas, pessoas e situações relevantes para sua hierarquia de significados e valores faz com que a suposta percepção psi seja vivenciada de forma dissociada em nível consciente, mas associada em nível vivencial através do Sistema Representacional Sinestésico, tanto na experiência com seu tio, quanto com seus filhos, anos atrás.

O Estudo dos Fenômenos Espontâneos em parapsicologia desenvolvido por Louisa Rhine caracteriza “Experiências Intuitivas”, onde supostas informações psi emergem com pouco conteúdo, mas com forte impacto e, não raro, levando seus sujeitos a ação. Na perspectiva da PNL, que seria melhor que a simbolização da percepção via Sistema Representacional Sinestésico? Embora a compreensão consciente seja bem restrita, não raro os sujeitos vivenciam todo o processo de sentimentos e sensações com monólogo interno e percepção de variações fisiológicas. Há registros de psi que envolvem a percepção de “cheiro” e “gosto” que são vivenciados para supostamente dar conta de eventos relativos a esses símbolos (cheiro de flores está associado a morte na cultura popular) em face de uma possível precognição sobre morte. Nesse caso, o Sistema Representacional Olfativo e Gustativo entrariam em ação.

A entrevista psicológica feita na época pela Dra. Amaral revela o que poderiam ter sido as origens da estruturação do Sistema de Crenças limitantes, na conexão simbiótica com seu pai e a conseqüente superproteção e dificuldade de lidar com a frustração. Terapeutas com base em PNL poderiam fazer “Terapia da linha do tempo”, “Integração de partes”, “Ressignificação”, “TOTS”, “Core Transformation”, “Alinhamento dos Níveis Neurológicos” além de transferência de estratégias de enquadramento VAKOG (Visual, Auditiva, Sinestésica, Olfativa e Gustativa) de estados e partes dissociadas para outros no processo de integração e mudança de estado.

Vamos estender a discussão para os demais casos relatados neste trabalho.

Com relação a Frida, do ponto de vista da PNL, observamos também a estruturação de crenças formando significados que compõem um sistema de crenças e valores regidos por regras e intenções positivas com grande ênfase na satisfação de necessidades afetivas e interpessoais, até por que esse setor foi altamente estimulado e valorizado desde a infância. Frida encontra em sua cultura social e religiosa pressupostos consistentes com suas demandas que a ajudaram usar os mencionados níveis neurológicos de forma consistente com o que acreditava. A crença limitante e restritiva no nível da identidade pode ter colaborado para formar o que os psicólogos chamam de “transferência”, onde todo o poder e os recursos necessários para o equilíbrio são fantasiados como estando fora de si, o que explica a motivação e o desenvolvimento inconsciente das estratégias apresentadas.

O mesmo pode ser observado no caso “Wanda”, “Pedro”, “Janaína” e “João”. Em todos os casos, há crenças limitantes sobre a identidade estimuladas e reforçadas por suas famílias e ênfase em valores como “segurança” e “proteção” que, pela crença restrita sobre sua identidade, tem suas “intenções” positivas vivenciadas via “transferência” e “projeções”, além de serem apoiadas pela cultura social e religiosa, com suposto uso de psi para dar veracidade e reforçar o suposto significado de suas experiências. No caso “João”, “Pedro” e “Janaina”,

tal qual “Frida”, há ênfase nos valores relacionados à afetividade de forma mais intensa.

Com relação ao modelo de Rex Standford (PMIR), vemos que as supostas “respostas psi” poderiam ser vistas como estratégias profundamente relacionadas ao que a PNL estuda como “hierarquia de valores”, com suas respectivas regras e crenças associadas. Filhos, namorados, cônjuges familiares e situações de relevância ou que ameaçam coisas, pessoas e situações significativas combinadas com crenças e significados sociais, culturais, religiosos, familiares e pessoais parecem ajudar na estruturação de motivos e significado para essa dinâmica.

Psi parece contribuir para aumentar os canais que a PNL usa: *de VACOG (Visual, Auditivo, Cinestésico, Olfativo e Gustativo) para VACOGESPPK (Onde ESP seria “extra-sensorial” e PK seria Psicocinesia, nomenclaturas internacionais)*. Mesmo que a informação seja decodificada através dos canais conhecidos, a informação é obtida por uma “via” de comunicação anômala.

Uma análise dos estudos de caso apresentadas, comparada com as Pressuposições Básicas da PNL (O’Connor 2003), nos revela que:

1 – Os sujeitos responderam ao significado de suas experiências e não a realidade em si (*Pressuposto da PNL: As pessoas respondem a sua experiência, e não a realidade em si*).

2 – Os sujeitos usaram escolhas e elementos que dispunham no momento para encontrar uma saída para lidar com ameaças e limites (Pressupostos da PNL: *“Ter uma escolha ou opção é melhor que não ter uma escolha ou opção” e “As pessoas fazem a melhor escolha que podem no momento”*).

3 – Os sujeitos parecem ter se auto-organizado (Níveis Neurológicos) para cumprir essa estratégia ou TOTS com os recursos que dispunham (Pressuposto da PNL: *“As pessoas funcionam perfeitamente”*).

4 – Os sujeitos parecem ter construído uma estratégia inconsciente para lidar e administrar da melhor forma possível questões que seriam limitantes e potencialmente sofríveis (Pressuposto da PNL: *“Todo comportamento possui uma intenção positiva”, “Todas as ações tem um propósito”, “já temos todos os recursos de que necessitamos ou então podemos criá-los” e “Mente e corpo forma um sistema” e “processamos todas as informações através de nossos sentidos”*).

5 – O TOTS criado deu aos sujeitos equilíbrio suficiente para gerar significados e agir sobre seus universos interior e exterior, criando um senso de homeostase e maior harmonia sistêmica (Pressuposto da PNL: *“A mente Inconsciente Contrabalança a Consciente”*).

6 – O contexto social e religioso amparou o significado construído pelos sujeitos para exprimir suas vivências interiores, onde podiam “explicar-se” de acordo com paradigmas místicos ou religiosos, obtendo aprovação social, até por que a vivência religiosa fornece explicações, meios e procedimentos (inclusive de transe) para amparar essa significação mantendo a dissociação. A ação coerente com esses significados dá um “sentido” as vivências em questão (Pressuposto da PNL: “*O significado da comunicação não é simplesmente aquilo o que você pretende, mas também a resposta que você obtém*”, “*modelar desempenho bem – sucedido leva a excelência*” e “*se quiser compreender, aja*”).

VII - PARAPSIKOLOGIA, PNL E SISTÊMICA

Em sua apresentação durante o IV Congresso Latino-Americano de PNL em Campinas, em Setembro de 2006, Robert Dilts e Deborah Bacon lembraram que reprimimos identidades, esquecendo-as ou mesmo não nos damos conta de que elas existem. Numa abordagem sistêmica, poderíamos propor que os arquétipos também sejam recursos inconscientes que temos e podemos lançar mão para que possamos nos transformar, afetando a configuração dos Níveis Neurológicos. Partindo do pressuposto que "todos nós temos os recursos necessários, quando não podemos criá-los", acessar um arquétipo, integrá-lo e modelá-lo também é uma forma de ampliar o "mapa", ter maior possibilidades de escolhas de significar e sentir o mundo com amparo de uma rede de signos e símbolos que transcendem nossa identidade.

O arquétipo, na visão Junguiana seria o núcleo do que ele chamou de complexo, podendo tornar-se consciente por meio das experiências. O modelo dos complexos poderiam enriquecer a discussão das "partes" inconscientes em PNL, com crenças, intenções, agindo, atraindo para o sujeito experiências com aquele tema. Nos relatos dos casos aqui apresentados com possível ocorrência de psi, podemos considerar a possibilidade dos arquétipos de Morte (caso Cristina), Grande mãe (Janaína e Wanda) e assim por diante, imagens estas existentes no inconsciente coletivo. Alguns destes arquétipos podem evoluir, se transformando em persona, anima, animus e sombra de forma dissociada, o que para a PNL seriam as “partes” que poderiam ser trabalhadas e integradas.

Numa abordagem integrando Psicologia, Parapsicologia, Sociologia e PNL, a dinâmica sistêmica do processo poderia sugerir o que chamaríamos de “PNL de Campo”, onde a “identidade” sairia do plano “individual” para o plano “coletivo” e cada pessoa seria uma “parte” da mesma que deve equilibrar-se com Crenças, valores e regras dessa identidade coletiva, e assim, indefinidamente temos “identidades sobrepostas”: (Casal, família, comunidade, cidadania, nação, planeta etc.) entremeadas num sistema dinâmico e complexo.

Uma profissão do futuro poderia ser a “Sociologia Neuro-Sistêmica”, onde o profissional com conhecimento de dinâmicas sociais e PNL poderia fazer eventos integrando e alinhando todas essas “partes” visando resultados ecológicos para todos os sistemas envolvidos.

Assim como existem indivíduos que se defendem psicologicamente do sofrimento podendo até atingir um estado pobre de recursos, existem também casais neuróticos e famílias com empobrecimento de recursos (neuróticas). Existem trabalhos e empresas na mesma situação. Por que não admitir a existência de culturas com estado empobrecido de recursos?

Não estou aqui atribuindo nenhum valor pejorativo a tais culturas. Aproveito aqui o conceito de neurose relacionado à “imaturidade e dificuldade de encarar problemas e dificuldades”, porque sabemos que muitas crenças e preceitos culturais foram concebidos para lidar com muitos “problemas” e “dificuldades” existenciais da humanidade, como o envelhecimento, o sofrimento, a morte entre outros. Alguém poderia sugerir que a idéia do “paraíso”, da “reencarnação”, da existência de “espíritos”, “entidades”, “santos”, da “vida após a morte” são concepções criadas para lidar com a angústia existencial frente ao “fim”, uma “negação” da realidade que poderia trazer muita depressão e sofrimento para os povos.

Se isso for verdadeiro, penso que a cultura para se manter “viva” e em homeostase (ecológica) precisa produzir “santos”, “médiums”, “mestres espirituais” dotados de “poderes” que reforcem continuamente as bases da crença apreendida anteriormente. Muitas religiões e filosofias místicas diferem em seus preceitos. Alguns chegam a ser diametralmente opostos. Mas todas as culturas místicas produzem eventualmente tais “personagens” ou “eventos” que são ícones de reforço de seu significado..

Estátuas de santos “choram” e comovem comunidades, o “Espírito Santo” se revela produzindo “curas” em igrejas evangélicas, “orixás e espíritos” fazem fenômenos de cura, de predição do futuro, “espíritos” trazem mensagens daqueles que já se foram etc.

Minha hipótese é a de que nascemos imersos nestas culturas com estas demandas coletivas, e que fatores da história pessoal e desenvolvimento podem predispor indivíduos a se tornarem em maior ou menor grau veículos ou “ícones” para as mesmas, estruturando TOTS para esse propósito. Ao mesmo tempo em que atendem às suas demandas pessoais e padrões psicológicos (crenças, valores e regras “amarrados” a uma crença sobre suas identidades e suas possibilidades), atendem crenças, valores, regras e expectativas da cultura na qual se encontram inseridos. A análise detalhada dos casos aqui apresentados mostra que os sujeitos atenderam a essa ampla demanda: pessoal e coletiva. No plano pessoal, deram sentido aos seus sistemas pessoais de crenças e valores. No plano social, ao relatarem suas experiências, reforçaram crenças e

valores que apóiam o “paranormal” nos contextos de suas culturas geral e específica (outros sistemas). Uma vez essas crenças reforçadas, a comunidade encontra um alento ou produz uma reação defensiva frente às angústias existenciais mais comuns (sentido da vida, morte, solidão, felicidade etc.).

Se tal modelo que apresentamos for verdadeiro, pessoas com os desafios como os descritos aqui precisariam desenvolver a própria capacidade de fazer distinções, separando em sua concepção interior seus “eus” (ou partes) e suas próprias demandas das demandas de sua família e/ou cultura, para que possa escolher – e não ser conduzido à – quando e onde irá atendê-las. E a PNL possui um cabedal de ferramentas e procedimentos para isso: Alinhamento dos Níveis Neurológicos, encadeamento, colapso e empilhamento de âncoras, verificação de congruência, ressignificação de conteúdo e contexto, ponte ao futuro, gerador de novos comportamentos, integração de partes, alinhamento de posições perceptuais, cura de fobias e traumas, linha do tempo, ressignificação em seis passos, mudança de estratégias, core transformation, swish, TOTS, estados de transe e muitas outras que poderiam ajudar que os sujeitos pudessem usar seus recursos de forma mais ecológica e elegante.

Futuros pesquisadores poderiam estudar com bastante minúcia a força e a intensidade dos sistemas de crença e culturas (Fator I) influenciando e moldando direta e indiretamente sistemas de educação e estruturação de classes sociais, tentando inferir o quanto tais elementos influenciaram na educação e desenvolvimento dos sujeitos em estudo (Fator II). O resultado disso seria a formação de uma personalidade com características que favoreceriam a ocorrência de psi. Com a entrada em cena da psicodinâmica e da PNL, foco sai de psi e passa para a sistêmica, onde psi seria um importante fator para esse processo de múltiplas relações sistêmicas.

Nos casos em que eu estudei, na medida em que os sujeitos iam compreendendo o funcionamento de seus padrões psicológicos e correlacionando seus possíveis eventos psi a eles, houve uma brusca redução ou até mesmo o desaparecimento de tais fenômenos, dando lugar ao nascimento de uma nova personalidade mais madura e capaz de enfrentar cada vez mais seus problemas e dificuldades. A ilusão do TOTS “não ecológico” não mais funcionava. Agora sim, estavam preparados para enfrentar o “inimigo” (aspectos dissociados). Tinham condições e estrutura para tal empreendimento.

No entanto, muitos sujeitos sobre os quais publiquei artigos para o *JSPR* como Pedro, João, Janaína, Cristina e outros me relataram até a presente data (Novembro de 2006), supostos eventos psi mais ocasionais, também relacionados a questões envolvendo situações de ameaças, medos e perdas. Só que desta vez *reais*, e não fruto de uma fantasia persecutória, de um padrão psicológico que lutava para continuar a existir: Alguém estava morrendo, alguém realmente sofria perigo, alguém realmente havia ou iria (no caso das premonições) se acidentar etc. Por exemplo: no ano de 2004, João teve um

aparente sonho premonitório sobre a morte de sua cachorrinha preferida dois meses antes dela sofrer um súbito e improvável acidente que tirou-lhe a vida.

Alcançar maturidade emocional não significa ficar imune a medos e ameaças. Tais sentimentos ocorrem com base em eventos reais. Por mais que você esteja resolvido emocionalmente com seu pai e sua mãe, esposo (a) ou sua família perdê-los num acidente de carro não passa a ser “agradável” ou “aceitável”, e sofreremos quando isso ocorre. Proteção contra sofrimento é característica inerente dos seres vivos. Por que não lançar mão de psi para isso, uma vez que muitos sistemas de crenças apóiam tal manifestação e o conhecimento “imediato” ou antecipado (de primeira mão) poderia nos preparar para ou reduzir o impacto emocional de um determinado evento?

VIII - PNL SISTÊMICA E PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

A psicologia transpessoal surgiu “oficialmente” nos anos sessenta, embora acreditemos que o verdadeiro “pai” desta escola tenha sido Carl Gustav Jung, que a concebeu sem mesmo ter ampla consciência disso, uma vez que foi um dos primeiros estudiosos do psiquismo humano a apontar para a importância de determinantes que transcendem ao ser humano mas que o influenciam (os arquétipos e o inconsciente coletivo, sincronicidade etc.).

Esta “nova” escola de psicologia surgiu como resposta às limitações das três forças predominantes (Psicanálise, Psicologia Comportamental e Psicologia Humanista).

A transpessoalidade foi definida por Abraham Maslow da seguinte forma:

“Considero a Psicologia Humanista, a Psicologia da Terceira Força, transitória, uma preparação para uma Quarta Psicologia ainda ‘mais forte’, transpessoal, trans-humana, centrada no cosmos, e não em necessidades e no interesse humanos, que vai além da condição humana, da identidade, da auto-realização, etc.”

“Crescente número de profissionais de saúde mental sentiam que tanto o comportamentalismo quanto a psicanálise tinham como limitação o serem derivados em larga medida de estudos psicopatológicos, a tentativa de generalizarem sistemas mais complexos a partir de sistemas simples, a adoção de uma abordagem reducionista da natureza humana e o fato de ignorarem determinadas áreas, preocupações e dados relevantes para um estudo completo da natureza humana – tais como os valores, a vontade, a consciência e a busca da auto realização e da auto transcendência. Sentia-se ainda que essa negligência era acompanhada de interpretações reducionistas e patologizantes inadequadas.

Na realidade, a perspectiva psicanalítica impossibilitou de fato a consideração ou detecção de qualquer modelo orientado para a saúde ou por ela motivado, a não ser quando representava uma defesa, ou, na melhor das hipóteses, um compromisso com forças destrutivas básicas. Logo, motivações e comportamentos voltados para a auto – realização e autotranscendência, e até a possibilidade de atingirem esses alvos, não podiam Ter reconhecida sua validade, muito embora as psicologias não ocidentais contivessem detalhadas descrições deles. De igual maneira, esses modelos só permitiam uma psicoterapia dirigida essencialmente ao ajustamento, e não incluíam o trabalho dos níveis de auto-realização e auto-transcendência. De fato, as obras completas de Freud contém mais de quatrocentas referências à neurose e nenhuma à saúde. Por essas razões, alegava-se que os modelos comportamentalista e psicanalítico, embora tivessem dado grandes contribuições, também produziram certas limitações para a psicologia e para nossos conceitos de natureza humana” (Roger Walsh e Frances Vaughan, 1997, Além do Ego, Editora Cultrix).

Neste aspecto, a cruzada da PNL em modelar o sucesso e “ressignificar” os “mapas” parece resolver essa questão contribuindo para uma visão sistêmica mais construtiva e positiva. Nessa dimensão, pode-se pensar em adaptações e intervenções da PNL com uma abrangência que vá além de um indivíduo, assim como tecer considerações sobre valores e crenças espirituais que funcionem em conjunto com as superposições sistêmicas.

Ademais, a Psicologia Transpessoal possui um conjunto de práticas que poderiam se beneficiar da visão e das ferramentas da PNL como a Respiração Holotrópica, as vivências de regressão de memória e as experiências que sugerem a transcendência do ego. Todo o material e as implicações dessas vivências parecem trazer insights sobre inúmeros aspectos que dão significado a identidade e a todos os Níveis Neurológicos que poderiam ser mais rapidamente trabalhados num segundo momento via PNL. O Modelo Milton e o metamodelo poderiam ser de grande contribuição para a Psicologia Transpessoal ajudando que pessoas pudessem alcançar estados alterados de consciência mais rápido. Nos encontros com profissionais de PNL, fica evidente a necessidade que muitos expressam de considerar a espiritualidade. Essa mesma necessidade foi uma das motivações para o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal, e nós achamos que muita coisa pode ser desenvolvida neste sentido com a colaboração mútua dessas disciplinas. Mas essas são considerações que deixaremos para um segundo momento...

Assim como na psicoterapia a energia empregada na neurose e na patologia (estados empobrecidos de recursos) é redirecionada aos poucos para padrões saudáveis, não seria absurdo pensar num redirecionamento de toda a complexidade dos supostos fenômenos psi para objetivos pessoais e profissionais que levem ao crescimento e desenvolvimento do indivíduo e dos sistemas superpostos através dos quais ele trafega. Modeladores em PNL

poderiam decupar as estratégias que favorecem fenômenos aparentemente psi e utilizar ferramentas da PNL contribuindo assim com experimentos parapsicológicos diversos como Ganzfeld, Remote Viewing, Sonhos psi em laboratórios e experimentos envolvendo Psicocinesia, ajudando que os voluntários explorem canais e condições mais favoráveis para melhores resultados.

Bibliografia:

- Carvalho, A. P de (1991) As casas mal-assombradas. Editora Ibrasa ,SP, Brasil
- Carvalho, A. P de (1992) Mediumship, Psychodynamics and ESP: The case of Cristina. JSPR 60 29-37 – Londres, UK
- Carvalho, A. P. de (1994) “Some socio-psychological aspects of psi”. JSPR 59,364-367 – Londres, UK
- Carvalho,AP de (1995) The emergency of the ‘System of Integrated Factors’ . JSPR – UK
- Carvalho,AP & Krippner,S (1998) – Sonhos Exóticos (In Press) – Ed. Summus, SP – Brasil
- Edge,H.; Morris, R. L.; Palmer, J. e Rush, J. H. (1986). Foundations of Parapsychology. Exploring the Boundaries of Human Capability. Routledge & Kegan Paul. Londres, Inglaterra.
- Ehrewald,J. (1952) New Dimensions of Deep Analysis. New York: Grune & Stratton. USA.
- Ehrewald,J. (1977) Therapeutic applications. In Krippner,S. (Ed). Advances in Parapsychological Research, vol.1, 133-148. New York: Plenum Press- USA
- Eisenbud,J. (1970) Psi and psychoanalysis. New York: Grune &Stratton – USA
- Honorton,C. 1977. “Psi and Internal Attention States” - handbook of Parapsychology, McFarland, USA
- James,T. 2004. The Accelerated Neuro-Linguistic Programming Máster Pratictioner Certification Training.Nlp.com.
- Jourard,S. (1964) The Transparent Self. New York: Van Nostrand Reinhold. USA
- Jung,C.G. (1996) The Prectice of Psychotherapy. Princeton,NJ: Princeton University Press. USA
- Krippner,S. Ullman,M. Vaughan,A..1989. Dream Telepathy – Experiments in Nocturnal ESP. McFarland, NC, USA.
- McClenon, J. 1984 . Deviant Science: The Case of Parapsychology. University of Pennsylvania Press, USA
- Mintz,E.E. (1983) The Psychic Tread: Paranormal and Transpersonal Aspects of Psychotherapy. New York: Human Sciences Press. USA
- Nemiah,J.C. (1975). Classical Psychoanalysis. In Arieti,S. (Ed) American Handbook of Psychiatry (2nd edition), vol.5, 163-182. New York. Basic Books. USA

O'Connor, J. 2003. Manual de Programação Neurolinguística. Ed. Quality Mark, RJ. Brasil.

Stanford,R.G. (1990) Na experimentally testable model for spontaneous psi events,etc. In Kripner,S. (ed) *Advances in Parapsychological Research 6*. Jefferson,NC: McFarland - USA

Tortanore,N.(1977) The Paranormal Event in psychotherapy: a survey of 609 psychiatrists. *Psychic Magazine* (july), 34-37.

Ullman,M.(1979) Psi communication through dream sharing. In Shapin,B. and Coly,L. (eds.). *Communication and Parapsychology*, 202-227. New York: Parapsychological Foundation,Inc. USA

Van de Castle , 1977 "Sleep and Dreams" - *Handbook of Parapsychology* - McFarland, USA

Walsh, R. N. e Vaughan, F (1997). *Além do Ego*. Editora Cultrix. São Paulo, Brasil.

Woolger,R.J. *As várias vidas da alma*, Ed. Cultrix, São Paulo, Brasil